

P.C. CAST + KRISTIN CAST



reve|ada

UM ROMANCE DA CASA DA NOITE

Tradução de Susana Serrão



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para todos os nossos leitores que nos têm feito perguntas intrigantes sobre o passado de Neferet. Esperamos que gostem das respostas!

AGRADECIMENTOS

Agradecemos e apreciamos muito a nossa família na SMP. Adoramos a nossa editora!

Obrigada mais uma vez aos nossos amigos da terrinha pelo entusiasmo, bom humor e apoio — especialmente Chera Kimiko, Karen Keith e Kevin Marx. A Cidade de Tulsa é o máximo. Vocês fazem-nos sorrir!

Obrigada, Dusty, pela ajuda a desemperrar ideias e por me orientares na direção certa quando fico empanada. Adoro-te!

Por falar em ajuda a desemperrar ideias — CZ, tu és uma pérola de valor inestimável!

Como sempre, adoramos e agradecemos à nossa espantosa agente, Meredith Bernstein, sem a qual a Casa da Noite não poderia existir.



PRÓLOGO

Zoey

Ena, Zoey, as pessoas compareceram em massa. Há aqui mais humanos do que pulgas num cão velhote! — Stevie Rae escudou os olhos com uma mão e contemplou o recinto da escola com a nova iluminação. Dallas era um rematado sacana, mas ninguém negava que as luzes intermitentes, entrelaçadas por ele nos troncos e ramos dos carvalhos vetustos, davam ao recinto uma radiância mágica de mundo das fadas.

— Essa ainda é uma das analogias de campónia mais asquerosa que tu tens — disse Afrodite. — Embora seja exata. Especialmente dado que há aqui um monte de polícias municipais. Parasitas do pior.

— Tenta ser simpática — disse eu. — Pelo menos, tenta estar caladinha.

— Quer dizer que o teu paizinho presidente da Câmara está cá? — Stevie Rae arregalou os olhos já de si muito abertos.

— Calculo que sim. Ainda vislumbrei a Cruella De Vil, mais conhecida como Aquela Que Me Pariu, não há muito tempo. — Afrodite calou-se e ergueu o sobrolho. — Se calhar devíamos manter os gatinhos da Street Cats debaixo de olho. Vi alguns pretos e brancos muito giros todos tufadinhos.

Stevie Rae até engoliu ar.

— Oh, minha nossa *senhora*, a tua mãe não faria um casaco de pele de gatinho, pois não?

— Mais depressa do que tu possas dizer “O Manel já anda a conduzir bêbado outra vez”. — Afrodite imitou o sotaque típico do Oklahoma com que Stevie Rae falava.

— Stevie Rae, ela está a brincar. Diz-lhe a verdade. — Dei uma cotovelada a Afrodite.

— Pronto, ela não esfola gatinhos. Nem cãezinhos. Só focas bebês e Democratas.

Stevie Rae franziu o sobrolho.

— Vês, está tudo bem. Além disso, o Damien está na tenda da Street Cats, e tu sabes que ele nunca deixaria que tocassem num bigode dos gatinhos, quanto mais no pelo todo. — Tentei que a Minha Melhor Amiga ficasse descansada, e recusei-me a deixar que Afrodite nos desse cabo da boa disposição. — Aliás, está tudo mais do que bem. Vê só o que conseguimos organizar em pouco mais de uma semana. — Suspirei de alívio perante o êxito do nosso evento e deixei o olhar percorrer o recinto da escola, apinhado. Eu, Stevie Rae, Shaylin, Shaunee e Afrodite estávamos de serviço na banca dos bolinhos (enquanto a mãe da Stevie Rae e algumas amigas da Associação de Pais e Professores andavam pela multidão a dar a provar as bolachas de pepitas de chocolate que nós vendíamos tipo, sei lá, como água). Da nossa posição perto da estátua de Nyx, tínhamos vista panorâmica do recinto inteiro. Vi uma fila grande na banca de alfazema da avó, o que me fez sorrir. Não muito longe da avó, Tanatos mandara montar a zona da feira de emprego, e havia lá muitos humanos a preencherem candidaturas.

No centro do recinto havia duas tendas enormes brancas e prateadas com mais luzes intermitentes da autoria de Dallas. Numa delas, Stark, Dário e os Filhos de Erebus faziam demonstrações de manejo de armas. Vi o Stark mostrar a um rapazinho como se pegava no arco. Depois ele deixou de olhar para o menino e olhou para mim. Trocámos um sorriso rápido e íntimo e ele voltou a dar atenção ao rapazinho.

Na Tenda dos Guerreiros faltava Kalona e Aurox. Por razões óbvias, Tanatos decidira que a comunidade de Tulsa não estava preparada para conhecer nenhum deles.

Não podia estar mais de acordo.

Eu é que não estava preparada para...

Dei um abanão mental a mim mesma. Não, não queria pensar na situação Aurox/Heath naquele momento.

Antes pelo contrário, tomei atenção à outra tenda grande. Lenóbia estava lá, de olho vivo nas pessoas que se acotovelavam como abelhas obreiras à volta de *Mujaji* e da grande égua Percheron, a *Formosa*. Travis estava com ela. Travis estava sempre com ela, o que me fazia muito bem à alma. Era espantoso ver Lenóbia apaixonada. A Mestre de Equitação era

como um foco de alegria radiante e cintilante e, com tanta Escuridão que eu vira ultimamente, era como chuva no meu deserto.

— Ora, merda para isto, mas onde é que deixei o vinho? Alguém viu onde pus o copo da Queenies? A campónia bem me lembrou, os meus cotas andam aí algures, vou precisar de fortificantes para a altura em que eles decidam cercar-me. — Afrodite resmungava e remexia nas caixas de bolachas por vender, à procura de um enorme copo de plástico roxo por onde eu a vira beber antes.

— Tu tens vinho dentro daquele copo take-away da Queenies? — Stevie Rae abanava a cabeça a olhar para Afrodite.

— E tens estado a beber de palhinha? — Shaunee juntou-se a Stevie Rae a abanar a cabeça. — Não é uma porcaria?

— Tempos desesperados exigem medidas desesperadas — retorquiu Afrodite. — Há por aí muita freira, não se pode beber às claras sem grammar com um sermão da seca. — Os olhos de Afrodite dardejaram para a nossa direita, onde a Street Cats tinha montado uma banca em meia-lua com gaiolas cheias de gatos prontos a adotar e caixotes de brinquedos cheios de erva-gateira para vender. Tinham a sua própria versão miniatura das tendas brancas e prateadas, e vi Damien sentado lá dentro, todo atarefado com a caixa registadora mas, tirando ele, a gerir todos os aspetos da zona felina, estavam as freiras beneditinas de hábito trajadas que tinham chamado a si a orientação da Street Cats.

Uma das freiras olhou na minha direção, e eu sorri e acenei para a abadessa. A Irmã Mary Angela retribuiu a saudação antes de voltar à conversa, com uma família que estava obviamente a ficar caidinha por um gato branco muito giro que parecia uma bola de algodão gigantesca.

— Afrodite, as freiras são fixes — recordei eu.

— E parecem demasiado ocupadas para se ralarem contigo — disse Stevie Rae.

— Imaginem, tu até podes não ser o centro das atenções de toda a gente — disse Shaylin, a fingir-se admirada.

Stevie Rae disfarçou o risinho com uma tossidela. Antes que Afrodite pudesse dizer alguma coisa odiosa, a avó avançou para nós a coxear. Tirando o andar e a palidez, a avó parecia saudável e contente. Passara pouco mais de uma semana desde que Neferet a raptara e tentara matar, mas ela recuperara com uma rapidez notável. Tanatos dissera-nos que a avó estava em invulgar boa forma para uma mulher da sua idade.

Eu sabia que era por causa de outra coisa — uma coisa que eu e ela tínhamos em comum —, um vínculo especial com uma deusa que defendia o livre-arbítrio para os seus filhos, além de lhes conceder dons

especiais. A avó era querida da Grande Mãe, e buscava forças diretamente na terra mágica do Oklahoma.

— *U-we-tsi-a-ge-ya*, parece que preciso de ajuda na banca de alfazema. Não posso crer na azáfama que temos por lá. — A avó mal acabara de falar quando apareceu uma freira a correr. — Zoey, a Irmã Mary Angela disse que precisava da tua ajuda a preencher impressos para a adoção de gatos.

— Eu ajudo-a, Avó Redbird. — Shaylin ofereceu-se. — Adoro o cheirinho a alfazema.

— Oh, querida, mas que simpático da tua parte. Primeiro, não te importas de ir ao meu carro e de abrires o porta-bagagens? Está lá outra caixa de sabonetes e saquinhos de alfazema. Parece que vou vender tudo — disse a avó, contente.

— Não me importo nada. — Shaylin apanhou no ar a chave que a avó lhe lançara e dirigiu-se à saída principal do recinto da escola, a qual dava para o parque de estacionamento, mas também para a alameda que cruzava com Utica Street.

— E eu vou ligar à minha mãe — disse Stevie Rae. — Ela disse para a chamarmos se isto ficasse muito concorrido por aqui. Ela e as mães da APP voltam num instantinho.

— Avó, não te importas que eu dê uma mãozinha à Street Cats? Ando mortinha por ver as novas ninhadas de gatinhos.

— Vai lá, *u-we-tsi-a-ge-ya*. Acho que a Irmã Mary Angela tem saudades tuas.

— Obrigada, avó. — Fiz-lhe um grande sorriso. Depois virei-me para Stevie Rae. — Pronto, se o grupo da tua mãe está de volta, eu vou ajudar as freiras.

— Pois, na boa. — Stevie Rae escudou os olhos, observou a multidão e acrescentou: — Já estou a vê-la, tem com ela a Sr.^a Rowland e a Sr.^a Wilson.

— Não te rales — disse Shaunee. — Nós damos conta do recado.

— Está bem — disse eu, a sorrir para elas. — Volto assim que puder. — Saí da banca das bolachas e reparei que Afrodite, agarrada ao enorme copo roxo da Queenies, vinha nos meus calcanhares. — Achei que não querias sermões das freiras.

— É melhor do que sermões das mães da APP. — Afrodite estremeceu para dar ênfase. — Aliás, gosto mais de gatos do que de pessoas.

Encolhi os ombros. — Enfim, está bem.

Ainda só íamos a meio caminho da tenda da Street Cats quando Afrodite quase estacou.

— A sério. Patético, c'um caraças. — Estava a resmungar de palhinha na boca, a semicerrar os olhos e de má cara. Vi para onde ela olhava e franzi o sobrolho também.

— Pois, por mais vezes que os apanhemos juntos, ainda não consigo perceber. — Eu e Afrodite tínhamos parado a ver Erin, a ex-Melhor Amiga de Shaunee, toda pendurada no Dallas. — Achei mesmo que ela fosse melhor do que isto.

— Aparentemente, não — disse Afrodite.

— Pronto, que nojo — disse eu, e desviei o olhar daquela beijação demasiado pública.

— Vai por mim, não há pinga que chegue em Tulsa para adoçar a visão daqueles dois a curtir. — Afrodite fingiu que se engasgava, depois resfolegou e soltou uma gargalhada. — Vê só a touca, às doze horas.

Certinho, lá estava uma freira que me pareceu ser a Irmã Emily (uma das freiras mais intransigentes) a lançar-se sobre o casal “tão entretido com as línguas que nem reparava”.

— Está com um ar muito sério — comentei.

— Sabes, uma freira pode muito bem ser o extremo oposto de um afrodisíaco. Vai ser giro. Vamos ver.

— Zoey! Estamos aqui! — Deixei de olhar para o desastre iminente e reparei na Irmã Mary Angela a fazer-me sinal.

— Anda cá. — Enfiei o braço no de Afrodite e comecei a puxá-la para a tenda da Street Cats. — Tu não te tens portado bem para mereceres ver tal coisa.

Antes que ela refilasse, já estávamos na banca da Street Cats, diante de uma Irmã Mary Angela radiante.

— Ah, ainda bem, Zoey e Afrodite. Preciso mesmo das duas. — A freira fez um gesto gracioso na direção da jovem família perto de uma das gaiolas com gatinhos. — Esta é a família Cronley. Decidiram adotar os dois gatinhos malhados. É amoroso que tenham encontrado as suas casas permanentes juntos. São muito apegados um ao outro, mesmo para quem vem da mesma ninhada.

— Que lindo — disse eu. — Vou já tratar da papelada.

— Eu ajudo. Dois gatos, duas vezes a papelada — disse Afrodite.

— Viemos por recomendação do veterinário — disse a mãe. — Eu sabia que esta noite encontraríamos o nosso gatinho.

— Embora não esperássemos encontrar dois — acrescentou o marido. Depois fez uma festinha no ombro da esposa e olhou para ela com carinho evidente.

— Bem, também não estávamos à espera das gémeas — disse a esposa, e olhou para as meninas que ainda estavam entretidas com a gaiola dos gatinhos e aos risinhos para os malhadinhos peludos que iam fazer parte da família.

— Essa surpresa revelou-se ótima, e assim parece-me que os dois gatinhos também serão excelentes — disse o pai.

Era como ver Lenóbia e Travis juntos — aquela família fazia-me bem ao coração.

Tinha começado a andar para a secretária improvisada com Afrodite quando uma das rapariguinhas perguntou:

— Mamã, o que são aquelas coisas pretas?

Houve algo na voz da menina que me fez parar, mudar de direção e rumar à gaiola dos gatinhos.

Quando lá cheguei, soube de imediato porquê. Dentro da gaiola, os dois gatinhos malhados bufavam e davam patadas em várias aranhas pretas e gordas.

— Ai, que asco! — exclamou a mãe. — Parece que há infestação de aranhas na escola.

— Conheço um exterminador bom, se precisarem de uma referência — disse o pai.

— Vamos precisar de uma batelada de bons exterminadores — sussurrou Afrodite, a olhar para a gaiola comigo.

— Pois, hum, mas não costumamos ter infestações por aqui — balbuciei, e senti nojo em arrepios pela espinha acima.

— Olha, papá! São tantas.

A menina loura apontava para a parte de trás da gaiola. Estava tão coberta de aranhas que parecia mexer-se com vida própria.

— Oh, minha nossa senhora! — A Irmã Mary Angela estava pálida a olhar para as aranhas que pareciam multiplicar-se. — Aquelas coisas não estavam aí há instantes.

— Irmã, porque não leva esta simpática família para a tenda e começa a tratar da papelada? — despachei-me a dizer, e fitei o olhar preocupado da freira sem vacilar. — Diga ao Damien para vir ter comigo aqui, se faz favor. Vai dar-me jeito para tratar deste problema tolo com as aranhas.

— Sim, sim, claro. — A freira não hesitou.

— Traz a Shaunee, a Shaylin e a Stevie Rae — pedi à Afrodite em voz baixa.

— Vais invocar um círculo em frente destes humanos todos? — sussurrou Afrodite de volta.

— Preferes que ela faça isso, ou que a Neferet comece a *comer* estes

humanos todos? — Era Stark, de súbito a meu lado. Senti-lhe a força e a preocupação. — É a Neferet, não é?

— São aranhas. Montes de aranhas. — Aponte para as gaiolas.

— A mim parece-me a Neferet — murmurou Damien quando se juntou a nós.

— Vou buscar o resto do círculo. — Afrodite largou o copo e começou a arrepiar caminho bem depressa para a tenda dos bolos.

— Qual é a ideia? — perguntou Stark, e os olhos dele nunca largaram o ninho de aranhas que se avolumava.

— Protegemos o que é nosso — disse eu. Depois saquei do telemóvel e escolhi Tanatos. Ela atendeu ao primeiro toque.

— Algo mudou aqui. Consigo sentir a aproximação da morte. — A Sumo-Sacerdotisa não levantou a voz, mas eu ouvi-lhe a tensão subjacente.

— Estão a aparecer aranhas na banca da Street Cats. Montes delas. Já chamei o meu círculo.

— Neferet. — Ela proferiu o nome com solenidade, a confirmar a minha reação instintiva. — Invoca a proteção dos elementos. Seja o que for em que a Tsi Sgili está a materializar-se, sabemos que é contra-natura, por isso usa a natureza para a expulsar.

— Assim farei — disse eu.

— Vou dar início ao sorteio e chamar a atenção dos humanos para a Tenda dos Guerreiros. Ali ficarão a salvo. Zoey, sê o mais discreta que puderes. A Neferet só sairá a ganhar se a noite terminar em pânico e caos.

— Entendido. — Desliguei.

— Vamos fazer o círculo? — perguntou Damien.

— Vamos usar os elementos para nos vermos livres desta infestação. — Não hesitei, nem esperei pelo resto do círculo. Enquanto Stark ficava de guarda, peguei na mão de Damien. Virámo-nos de frente para as gaiolas dos gatinhos.

— Ar, vem a mim, se faz favor — pediu Damien.

Senti de imediato a reação do elemento dele.

— Direciona-o — indiquei-lhe. Ele assentiu.

— Ar, sopra esta Escuridão para longe.

O vento, que estivera quase a brincar com o cabelo de Damien, saiu dele, rodopiou no ninho de aranhas e fê-las encolherem-se e protestarem.

— *Senhoras e senhores, iniciados e vampyros, sou Tanatos, Sumo-Sacerdotisa da Casa da Noite de Tulsa, e a vossa anfitriã desta noite. Queiram dirigir-se ao centro do recinto e à tenda branca e prateada dos*

Guerreiros. Vamos dar início ao sorteio e só quem estiver presente pode ganhar.

A voz de Tanatos no altifalante parecia tão normal, tão diretora de escola, que o ninho de aranhas agitadas ainda parecia mais aberrante.

— Pois, não, não têm de se preocupar com pormenores — dizia a Irmã Mary Angela, enquanto levava o jovem casal e as suas gémeas para fora da tenda. — As minhas assistentes terão os gatinhos prontos para os senhores levarem depois do sorteio.

— Porque é que os miúdos estão de mãos dadas? — ouvi uma das meninas perguntar.

— Ah, estão com certeza a orar — respondeu a Irmã Mary Angela. Depois, virou a cabeça para trás e disse à meia dúzia de freiras que estivera a tomar conta da banca: — Irmãs, tratem que os jovens tenham privacidade para as suas orações.

— Com certeza, Irmã — ouvi uma murmurar e, sem perguntas nem hesitações, as freiras espalharam-se, e ficaram entre nós, a tenda, as gaiolas dos gatos e o resto do recinto, no que era uma barreira de freiras entre nós e possíveis mirones.

Apareceram Shaunee e Stevie Rae com Afrodite, irromperam pela barreira das freiras e estacaram, de olhos arregalados perante a massa de insetos ondulantes.

— Ah, caraças! — exclamou Shaunee.

— Oh, minha nossa *senhora!* — Stevie Rae levou a mão à boca num gesto de repugnância.

— A Neferet dá-me mesmo cabo da paciência — disse Afrodite, a encolher-se toda diante das aranhas.

— Temos de chamar todos os elementos aqui e mandá-los dar uma abada nas aranhas para fora do recinto — disse eu. — Mas não podemos dar nas vistas.

— Pois, a Neferet está desertinha por lixar tudo com um filme de terror e deixar os humanos apavorados — disse Shaunee. — Não te rales, Z. Vão ficar num braseirinho. — Shaunee avançou para Damien com determinação, e este deu-lhe a mão. Ela agarrou-lha, contemplou a massa de patas negras e corpos latejantes e disse: — Fogo, vem a mim. — O ar à nossa volta começou a aquecer. A bonita rapariga negra sorriu e continuou: — É para aquecer, ainda não é para queimar.

O fogo fez exatamente o que ela mandava. Não houve chamas nem fumo nem fogo de artifício, mas o ar em nosso redor aqueceu mesmo e a massa de aranhas contorcia-se com óbvio desconforto.

Olhei em volta e reparei que Shaylin ainda não estava connosco.

— Onde é que está a água? Precisamos da Shaylin para o círculo.

— Ainda não voltou do parque de estacionamento — respondeu Stevie Rae. — Liguei-lhe para o telemóvel, mas não atendeu.

— Provavelmente não ouve — alvitrou Damien. — Está a acontecer muita coisa lá fora.

— Pronto, não há problema. Eu faço de água — disse Afrodite. — Não fica tão forte mas, pelo menos, fica um círculo completo.

Afrodite ia dar a mão a Shaunee quando Erin passou a barreira das Irmãs.

— Eu sabia que se ia invocar um círculo! Senti — disse Erin, e depois fez um esgar para Afrodite. — *Tu* é que ias chamar a água? Ah! És pobre substituta para mim.

— Pois, tu substituta, não és — contrapôs Afrodite. — Outra coisa, de certezinha.

— Eu disse-te que não quisesses nada com estas parvas — disse Dallas, a rosnar para uma freira que o impedia de passar.

— Eu sei o que tu disseste, lindo. — Erin lançou-lhe um sorriso mandro. — Mas sabes que o que tem de ser, tem muita força. E não me agrada que deixem a água fora de um círculo.

Dallas encolheu os ombros.

— Não interessa. A mim parece-me uma perda de tempo. Mais, porque é que os idiotas dos teus ex-amigos fazem um círculo durante a escola aberta? — Ele semicerrrou os olhos mal-intencionados, como se só então percebesse o que significava a barreira das freiras. — Eh lá, mas o que é que se passa aqui, afinal?

— Não temos tempo para isto. — Acabou-se-me a paciência. — Stark, livra-te do Dallas, e ele que fique caladinho até acabar a escola aberta.

— Com prazer! — A sorrir, Stark pegou em Dallas pelo colarinho e arrastou-o para longe de nós e do meio do recinto. Dallas ia a debater-se e a praguejar, mas não passava de um moscardo perante a força de Stark. Virei-me para Erin. — Não interessa o que aconteceu, tu és a água e o teu elemento é bem-vindo ao nosso círculo, mas não precisamos de energia negativa aqui, isto é muito importante. — Apontei com a cabeça para as aranhas. Erin acompanhou-me o olhar e ficou boquiaberta.

— Que raio é aquilo?

Abri a boca para contornar a pergunta, mas o instinto impediu-me. Em contrapartida, fitei os olhos azuis de Erin.

— Acho que é o que resta da Neferet. Sei que é maligno e que não pertence à nossa escola. Queres ajudar-nos a mandá-lo embora?

— As aranhas são asquerosas — começou ela, mas a voz falhou-lhe

quando olhou para Shaunee. Levantou o queixo e pigarreou. — Não queremos cá cenas asquerosas. — Decidida, avançou para Shaunee e parou. — Esta escola também é minha.

Achei a voz de Erin estranha e algo roufenha. Fiquei na esperança de que as emoções dela descongelassem e que ela talvez voltasse a ser a miúda que nós conhecíamos.

Shaunee estendeu a mão. Erin pegou-lhe.

— Fico contente que estejas aqui — ouvi Shaunee sussurrar.

Erin não disse nada.

— Sem dar nas vistas — recomendei eu. Erin assentiu num gesto breve.

— Água, vem a mim. — Cheirou-me a maresia e a um aguaceiro primaveril. — Molha-as todas — continuou ela.

Viram-se gotinhas de água nas gaiolas e uma poça a formar-se de baixo delas. Uma massa de aranhas do tamanho de um punho perdeu aderência ao metal e caiu na poça de água.

— Stevie Rae — chamei, e estendi-lhe a mão. Ela deu-me a sua, a outra a Erin, e completou o círculo.

— Terra, vem a mim — disse ela. Vimo-nos rodeados dos aromas e dos sons de um prado verdejante. — Não deixes esta imundície na nossa escola.

Muito ligeiramente, a terra tremeu debaixo dos nossos pés. Caíram mais aranhas das gaiolas nas poças e a água agitou-se. Finalmente, era a minha vez.

— Espírito, vem a mim. Apoia os elementos para expulsarem esta Escuridão que não pertence à nossa escola.

Houve um ruído e as aranhas caíram todas das gaiolas nas poças de água. A água estremeceu e começou a mudar de forma, a alongar-se e a expandir-se.

Concentrei-me, senti-me plena de espírito, o elemento com que tenho mais afinidade, e imaginei a poça de aranhas a ser despejada da nossa escola, como quando se puxa o autoclismo para mandar embora água porca. Com essa imagem em mente, ordenei:

— Agora, rua!

— Rua! — corroborou Damien.

— Xô! — fez Shaunee.

— Vão-se embora! — disse Erin.

— Adeus e até nunca mais! — exclamou Stevie Rae.

Em seguida, como eu imaginara, a poça de aranhas levantou-se, como se fossem ser atiradas da terra para fora. Porém, nem tivemos tempo

para respirar e já a imagem negra se moldava outra vez numa silhueta conhecida — curvilínea, bonita, mortífera. Neferet! As feições não estavam completas, mas reconheci-a e à energia malévola que emanava dela.

— Não! — gritei. — Espírito! Reforça os elementos com o poder do nosso amor e lealdade! Ar! Fogo! Água! Terra! Sou eu quem deseja que assim seja!

Ouviu-se um guincho horrível e Neferet avançou numa aparição. Lançou-se sobre o nosso círculo e abateu-se sobre Erin como uma maré negra terrível. Com o ruído de milhares de aranhas a fugirem, o espectro fugiu pela entrada principal da escola e desapareceu por completo.

— C'um caraças. Mas que asco — disse Afrodite.

Eu ia concordar com ela quando ouvi tossir.

Senti o círculo dissolver-se antes de a ver tombar de joelhos. Ela olhou para mim e tornou a tossir. O sangue jorrou-lhe dos lábios.

— Não achei que acabasse assim. — A voz estava rouca.

— Vou buscar a Tanatos! — disse Afrodite, já em passo de corrida.

— Não! Isto não pode acontecer — disse Shaunee, e caiu de joelhos ao lado de Erin, já empapada em sangue. — Gémea! Por favor, tu vais ficar bem!

Erin tombou-lhe nos braços. Eu, Damien e Stevie Rae entreolhámo-nos e depois, como um só, ajoelhámo-nos com Shaunee abraçada à amiga.

— Tenho tanta pena. — Shaunee soluçava. — Não falava a sério, com as coisas feias que te disse.

— Não... Não faz mal, Gémea. — Erin falava devagar, entre arrancos de tosse, com sangue a borbulhar-lhe na garganta e a sair-lhe dos olhos, nariz e ouvidos. — A culpa foi minha. Esqueci-me... de sentir.

— Estamos aqui contigo — disse eu, e toquei-lhe no cabelo. — Espírito, acalma a Erin.

— Terra, tranquiliza a Erin — disse Stevie Rae.

— Ar, envolve a Erin — disse Damien.

— Fogo, aquece a Erin — disse Shaunee.

Erin sorriu e tocou no rosto de Shaunee.

— Já me aqueceu. Já não sinto frio nem solidão. Não sinto nada, só estou muito cansada...

— Descansa — disse Shaunee. — Eu fico contigo enquanto dormes.

— Ficamos todos — disse eu, a limpar as lágrimas e o ranho da cara com a manga da camisa.

Erin sorriu mais uma vez para Shaunee, fechou os olhos e morreu nos braços da amiga.



PRIMEIRO CAPÍTULO

Neferet

O reflexo do passado que se tinha subitamente manifestado no espelho místico de Zoey Redbird fora uma lembrança terrível da morte da inocência de Neferet. Fora tão inesperado ver-se a si mesma outra vez numa rapariga destroçada e espancada que a recordação tinha devastado Neferet, deixando-a vulnerável ao ataque amotinado da criatura que fora seu Veículo. Aurox tinha-a dominado, escarnado e atirado da varanda do apartamento na cobertura. Quando ela embatera no passeio, Neferet, anterior Sumo-Sacerdotisa de Nyx, morrerá deveras. Quando o coração mortal deixara de bater, o espírito dentro dela, a energia imortal que fizera dela Rainha Tsi Sgili, assumira o comando, dissolvera o invólucro que lhe servira de corpo e ganhara vida... *vida*.

A massa de Escuridão e de espírito aninhara-se, enterrara-se, à espera, à espera, a sobreviver, enquanto a consciência da Tsi Sgili lutava por continuar a existir.

A rapariga violada no espelho ressuscitara uma recordação que Neferet pensava estar há muito morta... enterrada... esquecida. Esse passado erguera-se com uma força que ela estivera completamente despreparada para combater.

Vivo outra vez, o passado matara Neferet.

Neferet recordava-se. Outrora, fora filha de alguém. Outrora fora Emily Wheeler. Outrora fora uma criança vulnerável e desesperada, e o humano que deveria ter sido o seu mais vigilante protetor molestara-a, abusara dela, violara-a.

No instante em que o reflexo de Emily relampejara naquele espelho mágico, todas as décadas de poder e força que Neferet erguera numa

barreira usada para reprimir essa violação, essa inocência assassinada, tinham-se evaporado.

Desaparecera a poderosa Sumo-Sacerdotisa vampyra. Só restava Emily, a contemplar a ruína da sua juventude. Emily, a quem Aurox escornara e atirara para o passeio solitário na base do Hotel Mayo. Tinha sido Emily a levar Neferet com ela na morte.

Porém, sobrevivera o espírito da Rainha Tsi Sgili.

Era certo que o corpo fora destroçado, a mente devastada, mas a energia que era a imortalidade de Neferet perdurava, embora a consciência lhe pairasse à beira da dissolução. O consolo dos fios da Escuridão acolhera-a e fortalecera-a, deixara-a primeiro buscar a similitude com insetos, depois com sombras, em seguida com a bruma. O espírito da Tsi Sgili bebeu a noite e vomitou o dia — afundou-se no sistema de esgotos da baixa de Tulsa e avançou lenta mas inexoravelmente numa única direção. O que restava de Neferet tinha uma compulsão incansável de buscar o que lhe era conhecido — para procurar o que lhe devolveria novamente a integridade.

A Tsi Sgili teve noção quando franqueou a barreira entre a cidade e o lugar que ela melhor conhecia. O lugar que, mesmo sem corpo, o seu espírito reconhecia porque a atraía durante tantos anos. Entrou na Casa da Noite feita numa névoa densa e cinzenta. Foi à deriva de sombra para sombra, a absorver o que lhe era conhecido.

Quando ela chegou ao templo no coração da escola, o espectro encolheu-se, embora o fumo e a sombra, a energia e a escuridão, não possam sentir dor, tal como não podem sentir prazer. A energia malévola da Tsi Sgili encolheu-se por reflexo, à semelhança da coxa cortada de uma rã que reage na frigideira quente.

Foi essa reação inadvertida que lhe mudou o caminho, que a fez avançar até perto do lugar de poder que ela sentia deveras. A Tsi Sgili não sabia reconhecer dor nem prazer, mas o que restava de Neferet conhecia o poder. Ela conheceria sempre o poder.

Em gotas pegajosas de humidade oleosa, ela afundou-se no buraco aberto na terra. Absorveu a energia que a rodeava e chamou a si o resíduo fantasmagórico do que acontecia mais acima.

A Tsi Sgili poderia ter permanecido assim — sem forma, sem rosto, simplesmente existindo — se a morte não tivesse escolhido esse momento para se aproximar.

Como o vento que sopra as nuvens para cobrirem o Sol, a chegada da morte foi invisível, mas a Tsi Sgili sentiu-a antes de a iniciada começar a tossir.

A morte era ainda mais conhecida do espectro do que a escola ou aquele lugar de poder. A morte ergueu-a do abismo no chão. Num assomo de entusiasmo, o espírito da Tsi Sgili manifestou-se na primeira forma que lhe chegara perto do princípio do seu poder — a forma daquele inseto de oito patas e busca, curiosidade e resistência incessantes.

As aranhas negras, como uma só, materializaram-se para buscar e alimentar-se da morte.

Ironicamente, fora o círculo da iniciada que abrisse a conduta de energia que permitira a Neferet ganhar consciência suficiente para se poder concentrar e munir do antigo poder da morte e, em derradeira instância, encontrar-se a si própria mais uma vez.

Eu sou aquela que era Emily Wheeler, e depois Neferet, e depois Tsi Sgili — rainha, deusa, imortal!

Até àquele momento, o seu intuito era encontrar o que lhe fosse conhecido. Quando a morte desceu sobre a iniciada, o espírito da Tsi Sgili alimentou-se dela, a recolher energia para que as recordações finalmente se fundissem a partir dos fragmentos de passado e presente num único conhecimento genuíno.

O choque desse conhecimento fez com que energia crua lhe assolasse o espírito, fragmentasse os fios de Escuridão e impulsioneasse a remodelação do corpo. Estava quase completamente formada quando os elementos a expulsaram. Neferet explodiu do círculo e fugiu.

Só conseguiu chegar ao portão de ferro que servia de barreira entre a rua dos humanos e o recinto da escola de vampyros. Ali o seu corpo consolidou-se e ela esgotou todo o poder que canalizara, ficou ofegante, fraca como recém-nascida, quase não conseguindo sustentar a consciência. Neferet tombou contra o muro que era a barreira da Casa da Noite.

A fome assolava-a!

A fome dominou-lhe o pensamento até o ouvir falar em voz alta, despeitado e sarcástico:

— Sim, querida. Claro que tem razão. Tem sempre razão. Eu também não quero ficar para a parvoíce do sorteio, não me interessam para nada os quinhentos dólares em rifas que comprei pela hipótese de ganhar o *Thunderbird* de 1966 que os vampyros querem dar. Não, não há problema nenhum! Tal como a querida disse tantas vezes, devíamos ter chamado o motorista e alugado uma limusina. Lamento imenso o transtorno de a querida esperar que eu vá a pé ao estacionamento buscar o carro para a vir buscar, sentada descansadinha num banco. Ah, e agrada-me tanto que

tenha deixado os dois vereadores tansos mirarem-lhe as mamas enquanto lhes bichanava ao ouvido para espalhar mexericos sobre a Neferet. Ah! Ah! Ah!

O riso sarcástico dele chegou-lhe no ar da noite.

— Se ligasse a mais alguma coisa além de si própria, saberia que a Neferet sabe muito bem tomar conta dela. Vândalos no apartamento e ninguém os viu? Não me parece. Aquilo mais parecia o resultado de um ataque de mau génio feminino. Tenho pena de quem tenha feito a Neferet perder a cabeça, mas não tenho pena da Neferet.

Neferet fez um esforço para se soerguer, à escuta de corpo inteiro. O humano falara no nome dela. Devia ser sinal de que ele era uma dádiva dos deuses.

O *Lexus* a menos de trezentos metros de onde estava agachada acendeu-se quando ele tocou na chave eletrónica e resmungou:

— Maldita mulher. Só sabe intrigar e manipular, manipular e intrigar. Se tivesse dado ouvidos ao meu pai, nunca me teria casado com ela. Dos vinte e cinco anos que tenho passado com ela, só ganhei hipertensão, azia e uma filha desnaturada. Podia ter sido o primeiro presidente solteiro de Tulsa em cinquenta anos e escolhido entre as jovens herdeiras do petróleo, não estivesse já preso a ela...

A resmunguice dele desvaneceu-se em ruído de fundo quando a audição apuradíssima dela lhe focou o batimento cardíaco.

Ela suspirou de gratidão. Ele parecia mesmo o jantar. Ela não agradeceria aos deuses do destino que lho tinham enviado. Aceitaria o auxílio deles, pois era mais do que merecido — o reconhecimento deles pelo regresso dela às suas hostes imortais.

Ele abria a porta da berlina quando ela se levantou. Neferet reuniu todo o anseio e toda a fome que sentia numa única palavra que era o nome dele.

— Charles!

Ele parou, endireitou-se e olhou na direção dela, a tentar ver na escuridão.

— Está aí alguém?

Neferet não precisava de luz para ver. A sua vista perscrutava a escuridão com toda a facilidade e conforto. Viu-lhe o cabelo cuidadosamente penteado, as linhas bem cortadas do fato caro, o suor por cima do lábio superior, e a pulsação no pescoço que batia regularmente com o sangue da vida.

Ela avançou e sacudiu para trás o cabelo comprido castanho-avermelhado, expôs o deleite que era o seu corpo nu. Em seguida, como se só

então lhe ocorresse, cobriu com as mãos as partes íntimas para as ocultar, em vão, dos olhos arregalados dele.

— Charles! — Neferet repetiu o nome dele e acrescentou com voz chorosa: — Eles fizeram-me mal!

— Neferet? — Obviamente confuso, Charles deu um passo na direção dela antes de estacar. — É mesmo a Neferet?

— É! Sou! Oh, deusa, que tenha sido o Charles a descobrir-me aqui, nua, ferida, completamente só. É terrível! É muito mais do que posso suportar! — Neferet chorou, o rosto coberto pelas mãos, a deixá-lo mirar melhor o seu corpo.

— Não compreendo. O que foi que lhe aconteceu?

— Charles! — O nome dele ouviu-se, estridente, atrás deles no recinto da escola, e fê-los parar aos dois. — Porque é que se está a demorar tanto?

— Querida, encontrei... — Charles começou a responder à esposa, mas Neferet avançou rapidamente para ele. Agarrou-lhe na mão, interrompendo-lhe as palavras.

— Não! Não lhe diga que sou eu. Não suportaria que ela soubesse o que me fizeram — sussurrou ela num tom desesperado.

O olhar dele estava completamente absorto pelos seios nus de Neferet quando pigarreou e continuou:

— Querida Frances, tenha paciência. Tinha deixado cair o comando do carro, acabei de o encontrar outra vez. Levo o carro em um ou dois minutos.

— Claro que o deixou cair! É mesmo desajeitado! — ouviu-se a réplica eivada de veneno.

— Vá ter com ela! Esqueça que me viu. — Neferet gemeu e voltou cambaleante para as sombras ao lado do muro da escola. — Eu sei tomar conta de mim.

— Mas de que é que está a falar? Claro que não vou deixá-la aqui nua e ferida. Tome, ponha o meu casaco. Conte-me o que lhe aconteceu. Sei que lhe vandalizaram o apartamento. Raptaram-na? — perguntou Charles a avançar para ela. Tirou o casaco do fato e ofereceu-lho.

O olhar de Neferet incidiu nas mãos dele, a segurarem no casaco, a oferecerem-lho.

— Tem as mãos tão grandes. — Esmagada por imagens do passado, Neferet teve dificuldade em falar com lábios que já estavam frios e dormentes. — Os dedos, tão grossos.

Charles piscou os olhos, confuso,

— Pois, devem ser. Neferet, está perturbada? Parece-me muito transtornada. Como é que a posso ajudar?

— Ajudar-me? — A mente esfaimada empurrou Neferet para fora do passado de Emily. — Vou mostrar-lhe a única maneira de me poder ajudar.

Neferet não desperdiçou mais energia a falar com ele. Num único movimento predatório, derrubou o casaco que Charles lhe oferecia e empurrou-o contra a parede. O fôlego saiu-lhe num *uuf* chocado e ele tombou na relva, arquejante. Ela não lhe deu tempo de se recompor. Prendeu-o no chão com os joelhos e, as mãos como garras, Neferet rasgou-lhe o pescoço. Quando o sangue quente e espesso jorrou da veia jugular, ela levou os lábios ao corte e bebeu profundamente. Ele nem sequer se debateu na morte. Completamente enfeitiçado por ela, gemeu e tentou levantar os braços para a estreitar melhor. O ar dentro dele gorgolejou, acabou-lhe com os gemidos, e as pernas sacudiram-se em espasmos, mas a força de Neferet aumentava quanto mais perto ele ficava da morte. Bebeu e bebeu, esgotou-o de corpo e espírito, até que Charles LaFont, presidente do município de Tulsa, não passava de um invólucro sem sangue e sem vida.

A lambem os lábios, Neferet levantou-se, a contemplar o que restava dele. A energia percorria-lhe o corpo. Como adorava o sabor da morte!

— Charles, maldito seja! Mas tenho de ser eu a fazer tudo? — A voz da esposa soava mais perto, como se avançasse na direção deles.

Neferet ergueu a mão ensanguentada.

— Bruma e Escuridão, estas são as minhas ordens: ocultem-me o corpo. Agora! Cubram-me!

Em vez de lhe obedecerem e de esconderem Neferet de olhos curiosos, a sombra mais funda e mais negra só estremeceu, inquieta. No ar da noite, Neferet sentiu, mais do que ouviu, a resposta: *O teu poder enfraquece, Tsi Sgili renascida. Dás-nos ordens? Veremos... veremos...*

A raiva era uma emoção a cujo luxo Neferet não se podia dar. Manteve a raiva controlada, escolheu-a em vez do casaco do fato de Charles LaFont. Vestida apenas de sangue, raiva e poder enfraquecido, Neferet fugiu. Tinha chegado à vala do lado oposto da Utica Street quando a mulher de LaFont começou a gritar.

Os gritos dela fizeram Neferet sorrir e, embora a Escuridão não obedecesse às suas ordens e a ocultasse, a Tsi Sgili correu com a ligeireza sobrenatural de um ser imortal. Enquanto fugia pelos bairros opulentos da cidade, Neferet imaginou que aspeto teria para qualquer mortal com a sorte de olhar pela janela naquele momento. Ela era um espectro escarlata, uma Banshee dos tempos de antanho. Neferet desejou recuperar

a praga da Magia Antiga da Banshee — qualquer mortal que tivesse a *hubris* de contemplar seria transformado em pedra.

Pedra... quem me dera... quem me dera...

A morte do presidente da Câmara não a levou longe. A ligeireza de Neferet não tardou a vacilar. Ondas de fraqueza assolaram-lhe o corpo com uma tal intensidade tal que ela tropeçou na berma mais próxima, a tentar sorver ar.

Aqui não há casas. Onde estou?

Confusa, Neferet olhou em volta, a pestanejar por causa dos candelários estilo anos 20 que salpicavam o parque. Instintivamente, afastou-se das luzes e entranhou-se nos arbustos e carreiros sinuosos no coração do parque.

Foi numa pequena elevação, rodeada de arbustos de azáleas adormecidas, que Neferet recobrou finalmente o fôlego e conseguiu pensar com clareza bastante para reconhecer o local.

Woodward Park — não fica longe da Casa da Noite. Neferet olhou para cima, em busca do horizonte urbano da baixa de Tulsa. O Mayo fica longe de mais. *Não consigo lá chegar antes da aurora.* Mesmo que conseguisse chegar ao hotel antes de o Sol se erguer no céu e lhe roubar o que restava da sua força, como poderia passar pelos humanos que trabalhavam na portaria? A Escuridão não lhe obedecia. Sem ocultação, seria apenas uma vampyra nua e coberta de sangue — uma coisa abominável e digna de prisão —, especialmente na noite em que o presidente da Câmara fora assassinado por um vampyro.

Talvez devesse ter ponderado com mais cuidado as alternativas antes de pôr termo à triste vida de LaFont.

Neferet sentiu a primeira punhalada de pânico. Não estivera assim sozinha e vulnerável desde a noite em que o pai lhe acabara com a inocência.

A Tsi Sgili estremeceu, ao recordar as mãos grandes e quentes dele, os dedos grossos, o fedor do hálito.

Neferet chorou, ao recordar também as sombras que a tinham reconfortado em rapariguinha, e a Escuridão que apaziguara a sua inocência destruçãda.

— Abandonaram-me todos? Não há nenhum dos meus filhos da Escuridão que me permaneça leal?

Como que em resposta, os arbustos diante dela murmuraram de movimento e dentro deles saiu uma raposa. A criatura olhou para Neferet sem medo aparente. Neferet ficou estarecida com a beleza do pelo vermelho-ambarino e a inteligência daqueles olhos verdes cintilantes.

A raposa é a minha resposta — a minha dádiva — o meu sacrifício.

Neferet reuniu os resquícios do seu poder. Silenciosa e velozmente, atacou, partindo o pescoço da raposa com um único golpe. Enquanto a luz esmorecia nos olhos do animal, Neferet deitou o corpo no seu colo e abriu a garganta da criatura com as garras. Depois ergueu a raposa para que o sangue se lhe derramasse pelos braços, pelos seios, e fizesse uma poça à volta dela como um aguaceiro cálido e primaveril.

— Se exigem um sacrifício, tomem desta criatura o suplício! Este sangue serve apenas de porta aberta. Voltem para mim e Tulsa será a minha oferta!

As sombras mais fundas por baixo dos arbustos de azáleas mexeram-se. Devagar, quase hesitantes, alguns fios de Escuridão deslizaram até Neferet.

A Tsi Sgili piscou os olhos para afastar as lágrimas. Não a tinham abandonado! Mordeu o lábio para não bradar em agradecimento quando o primeiro tentáculo tocou nela a sua carne fria, mergulhou no calor do sangue da raposa e começou a sugar. Os outros não tardaram e, embora não fossem às centenas, aos milhares, como ela outrora dominava, Neferet ficou contente por serem bastantes a responderem ao seu chamado a ponto de o chão em seu redor mais parecer um ninho de Escuridão. Neferet inalou profundamente o ar da noite, sentiu o poder que pulsava nele. Se conseguisse ficar com os fios conhecidos, poderia alimentá-los e eles, por seu turno, poderiam ocultá-la e acarinhá-la até recobrar verdadeiramente força e finalidade.

Finalidade? Qual é a minha finalidade?

As recordações inundaram-lhe a mente debilitada com uma cacofonia de vozes e visões: era uma rapariguinha — *a tua finalidade é seres a Senhora da Casa Wheeler!* Era uma jovem Sumo-Sacerdotisa — *a tua finalidade é seguires o Caminho da Deusa!* Era uma vampyra mais madura que começara a ouvir os murmúrios da Escuridão que pareciam chegar-lhe com o vento — *a tua finalidade é ajudares-me a sair da minha prisão terrena e reinaras a meu lado!* Era poderosa, nutrida por fios feitos de noite e de magia — *a tua finalidade é divertires-me e seres minha Consorte!*

— Basta! — clamou Neferet, a esconder o rosto no pelo macio e serôdio da raposa sacrificada. — Já estou farta de os outros ditarem a minha finalidade. — Resolutamente, pôs-se de pé, a chamar a si os resquícios de orgulho e de poder. — Já comeram desta matança. Agora socorram-me e levem-me para a segurança!

Os fios de Escuridão ondularam, enrolaram-se-lhe nas pernas nuas,

a puxarem devagar, a impelirem-na para a frente. Sem palavras, Neferet seguiu a Escuridão até um carreiro que levava a uma ampla escadaria de pedra que descia por um terreno rochoso, até ficar ao nível da rua do parque vazio, a olhar para uma zona insignificante e parecida com uma gruta, aninhada entre os carreiros e a zona ajardinada. As pedras e os arbustos quase lhe obscureciam a entrada, aberta para uma vasta extensão de relva que ia dar à Twenty-First Street. Os fios libertaram-na e desapareceram na fenda das pedras. Mais uma vez, Neferet seguiu-os e subiu à boca da gruta. Respirou fundo para se fortalecer enquanto gatinhava naquele negrume cerrado e depois parou, admirada com o odor serôdio e bravio que a rodeava lá dentro.

Os fios tinham-na levado até ao covil da raposa.

Neferet afundou-se na terra, acolheu o odor da sua presa. Quase conseguia sentir o calor do corpo do animal que perdurava no ninho donde partira há tão pouco tempo. Neferet enrolou-se lá, apenas com sangue e Escuridão a cobri-la, fechou os olhos e finalmente deixou que o sono a levasse.



SEGUNDO CAPÍTULO

Zoey

Z, estás aí! Tenho andado à tua procura por toda a parte. Não é nada boa altura para te esconderes aqui. Assustei-me com a voz de Stark e até dei um salto, a esfregar os braços todos arrepiados e a fazer-lhe má cara.

— Não estou escondida, estou só aqui... — A voz esmoreceu-me e olhei em redor. *O que é que eu estava ali a fazer se não estava escondida?* Tanatos levava o corpo de Erin para a enfermaria e para bem longe dos mirões humanos. Ato contínuo, o meu círculo fora atrás. Ela dera ordens aos professores e aos Guerreiros Filhos de Erebus que acompanhassem os convidados à saída do recinto da escola e que fechassem o campus. Creio que toda a gente depreendeu que eu estava a ajudar na saída dos humanos. Eu queria ajudar. Até começara, mas depois calhou ouvir o que um grupo de gente local dizia, e tive mesmo de fugir dali. Era um desatino que uma iniciada a morrer encharcada no próprio sangue desse azo a mexericos e especulações por parte das mães da Associação de Pais e Professores e dos políticos ali reunidos — e estavam a cuscar sobre a miúda morta, passados com o facto de ela ter feito dezoito anos e morrer tão nova? Claro que não. Estavam a falar de Neferet! A bichanar que ela fora despedida da Casa da Noite e depois divulgara ao público aquilo que eles diziam ser as suas opiniões antivampyros, e que *depois* desaparecera quando o apartamento na cobertura do hotel fora vandalizado.

Eu até ouvira um dos vereadores de Tulsa dizer que não ficariam nada admirados se aquilo tivesse sido os vampyros a mandarem um recado a Neferet para sair da cidade, e que a “coitada da Neferet” podia muito bem ter sido vítima da violência da Casa da Noite.

Com isso, eu tinha ficado mesmo lixada, mas o que é que podia ter dito ao tipo? *Nós não vandalizámos, nós fomos lá salvar a minha avó das garras maléficas da Neferet e depois atirámo-la do último andar.* Pois, como se isto tivesse resultado lindamente.

Ouvi-los falar da “coitada da Neferet” fora de mais para mim. Raios, eu e o meu círculo tínhamos acabado de impedir a “coitada da Neferet” de se materializar no meio da nossa casa aberta e de comer os habitantes locais! A “coitada da Neferet” até podia ser a responsável pela rejeição da Mudança no corpo da Erin. A mim parecia-me demasiada coincidência que a Erin tivesse morrido logo depois de a ex-Sumo-Sacerdotisa nojenta e semiformada ter passado pelo corpo da iniciada.

Por conseguinte, em vez de berrar com os habitantes locais, tirei partido do caos causado pela morte pública de uma iniciada e esguei-rei-me sozinha para me sentar num banco do outro lado dos estábulos; respirar fundo e longamente; pensar. Exalei esse fôlego e continuei a pensar.

— Stark, não estou aqui escondida. — Fui racionalizando o que sentia em voz alta. — Só precisava de uns segundos para mim de maneira a lidar com a tempestade de cocó que vai resultar de toda aquela... — Acenei na direção do recinto principal e rematei: — Toda aquela trapalhada.

Ele sentou-se a meu lado no banco e pegou-me na mão.

— Pois, eu percebo. Lidar com a morte também me custa bastante — disse Stark em voz baixa.

— Pois — disse eu, em voz chorosa. Deusa, mas que hipócrita que sou! — Sabes que mais? Sou tão má como aqueles humanos coscuvilheiros. Tu tinhas razão. Estou aqui escondida a sentir-me zangada e cheia de pena de mim própria, em vez de estar passada por causa da morte de uma pessoa do nosso círculo.

— Z, eu não espero que tu sejas perfeita. Ninguém espera. — Stark apertou-me a mão. — Tu sabes que nem sempre vai ser assim.

Até senti um aperto no estômago.

— Acho que é esse o problema. Eu não sei que nem sempre vai ser assim.

— Esta foi a segunda vez que derrotámos a Neferet, e ela não estava nada com bom aspeto esta noite. Aranhas, a sério? É só isso que ela sabe arranjar? Ela não pode lutar contra nós para sempre.

— Ela é imortal, Stark. Não a podemos matar, por isso ela pode lutar contra nós para sempre — disse eu em tom sombrio. — E ela transformou-se de aranhas numa trampa preta nojenta e peganhenta donde ia começar a reformar o próprio corpo. *Blhec.* Ela está de volta.

— Bem, pelo menos toda a gente sabe que ela agora é má — contra-pôs ele.

— Não, nem toda a gente sabe que ela agora é má. Os vampyros sabem, e o Alto Conselho decidiu não fazer pevas contra ela.

Os humanos, os humanos locais — raios, o nosso próprio presidente da Câmara e os vereadores — acham que ela é praticamente a Glenda Bruxa Boa do Norte.

— O que mais me lixou esta noite foi ter ouvido uns dos tipos de fatinho e as mães da APP a falarem sobre ela e a perguntarem se nós teríamos tido algo a ver com o apartamento vandalizado na semana passada, porque a “coitada da Neferet” — fiz as aspas com as mãos — nunca mais foi vista.

— A sério? Não posso crer que andem a dizer isso.

— Podes crer. A conferência de imprensa da Neferet montou o palco para parecer uma vítima se algo de mal lhe acontecesse.

— Não importa. Não altera o facto de termos tido de lhe dar uma abada para resgatar a tua avó. Estávamos ocultos naquela noite. Ninguém nos viu, essa conversa toda não passa de treta. Não quer dizer nada.

— A conversa quer dizer sempre alguma coisa, Stark. Neste caso, acho que quer dizer que vai ser preciso chegar a público muito cocó para que alguém não vampyro saiba como a Neferet é maligna.

— Deves ter razão nisso, mas até são boas notícias — disse Stark.

— Quê?

— A Neferet nunca soube ser discreta e deixar acalmar os ânimos. De certezinha que também nunca durou muito a armar-se em vítima. Se conseguir recompor-se, literalmente, e aparecer num corpo que seja mais do que ranhoca preta, estará no mesmíssimo ponto onde estava antes. Acabará por perceber que os humanos locais não vão fazer-lhe vénias nem adorá-la. Há um monte deles com pena dela. Isso vai levá-la aos arames e ela há de fazer borrada. Outra vez. Isso será a denúncia para os humanos, como já foi para os vampyros. Vai ficar sem penico para remexer aqui e, se a Neferet não conseguir remexer na merda, há de arranjar outro sítio qualquer para assombrar. Livrarmo-nos dela de vez até pode vir a ser, como diria a Stevie Rae, canja.

— A Stevie Rae! — Senti-me corar de culpa. — Trampa. Praticamente deixei-a sozinha a lidar com a trapalhada da morte da Erin.

— A Tanatos está a tratar de tudo, e tudo inclui a Shaunee. A Stevie Rae e a Kramisha estão a reunir os miúdos para apanharem o autocarro. Toda a gente queria saber onde estavas, o que me trouxe aqui à tua procura.

— Desculpa. Calculo que os meus segundos para respirar acabaram. Estou pronta a voltar à loucura. Vamos despedir-nos da avó antes de apañarmos o autocarro.

— Estou contigo, Z. — Stark pôs-se de pé, puxou-me com ele e deu-me um beijo meigo. — Estou sempre contigo, mesmo que signifique estar na loucura.

Eu ainda estava nos braços dele, a sentir-me segura, quando ouvimos começar a gritaria.

— C’um caraças, o que é aquilo?

Senti a tensão no corpo de Stark.

— Um ataque de histeria.

Ele pegou-me na mão outra vez e pôs-se à escuta uns segundos antes de começar a levar-me para a entrada da casa de campo.

— Anda lá. Vem do outro lado da escola. Não te afastes de mim. Estou com um mau pressentimento quanto a isto.

Oh, Deusa! Por favor, não deixes que seja outro miúdo a morrer... Foi só o que pude pensar quando atalhámos pela casa de campo e corremos para o parque de estacionamento da escola.

Chegávamos de um lado diferente de toda a gente, pelo que ao princípio ninguém reparou em nós, e eu e Stark conseguimos ver bem aquela cena sinistra. No meio do parque de estacionamento — rodeada por gente local com ar aturdido, e um bando de freiras beneditinas que a encaminhavam na fuga que a trazia dos portões da frente da escola — estava uma mulher alta e loura a ter um absoluto e rematado ataque de nervos. Tinha umas calças pretas de belíssimo corte; uma camisola de caxemira justa azul-clarinha; um colar de pérolas que pareciam bem caras. O cabelo soltara-se do carrapito de senhora rica, e as melenas louras saíam-lhe da cabeça como se ela tivesse sido eletrocutada. Embora as freiras tivessem conseguido fazê-la parar de correr em círculos, ela guinchava e agitava os braços como uma louca.

Admito que a minha primeira reação foi sentir-me aliviadíssima por ser uma local passada da marmita e não outra iniciada a morrer. A Irmã Mary Angela destacou-se da multidão e começou a tentar acalmar a mulher.

— Pronto, pronto, minha senhora. Sei que é um transtorno quando morre alguém tão jovem, mas todos sabemos que a morte nunca anda longe de qualquer iniciado. Eles aceitam-na, e nós também temos de aceitar.

A mulher histérica parou de gritar, olhou para a Irmã Mary Angela, e piscou os olhos como se só então se apercebesse de onde estava. Respirou

fundo e a expressão do rosto alterou-se-lhe, passando do terror à raiva tão depressa que até meteu medo.

Mais tarde percebi que isso me devia ter feito reconhecê-la logo.

— Acha que estou a chorar por causa de um *iniciado*? Mas que absurdo! — A mulher cuspiu as palavras para cima da freira.

— Desculpe, não compreendo...

Afrodite apareceu a correr, interrompeu a freira e mirou a mulher chorosa com olhos arregalados.

— Mãe? O que se passa contigo?

— Ora merda! — exclamou Stark baixinho para mim. — É a mãe da Afrodite.

Eu já largara a mão dele e avançara ainda antes de a minha cabeça ter tempo de me acompanhar os movimentos.

— Mataram-no! — guinchou a mãe para ela.

— A quem?

— Ao teu pai! O presidente da Câmara de Tulsa!

A multidão ficou boquiaberta e eu também. A cara de Afrodite ficou branca, sem pinga de sangue. Antes que ela pudesse falar outra vez, Lenóbia adiantou-se, dizendo:

— Senhoras e senhores, alguns de vós já me conhecem. Sou Lenóbia, Mestre de Equitação desta Casa da Noite e, em nome da nossa Sumo-Sacerdotisa e da nossa escola, lamento que tenham sido testemunhas dos trágicos acontecimentos desta noite. Permitam-me que os ajude a encontrarem as vossas viaturas para que possam chegar a casa em segurança.

— É tarde de mais para isso! — berrou a mãe de Afrodite para Lenóbia. — Não há *segurança* alguma esta noite. Nunca mais nenhum de nós estará seguro enquanto coexistirmos convosco, sanguessugas!

Como Afrodite estava espedada a olhar para a mãe, eu avancei, admirada com a calma na minha voz.

— Lenóbia, esta senhora é mãe da Afrodite. Diz que o marido foi assassinado.

— Senhora LaFont. — Lenóbia reagiu de imediato. — Deve haver algum equívoco. Foi uma das nossas iniciadas quem teve morte prematura esta noite.

— O único equívoco nisso é não terem morrido mais de vocês. — A Sr.^a LaFont girou nos calcanhares, apontou um dedo acusador ao muro da escola, onde terminava na entrada principal e no portão de ferro agora aberto. Eu só consegui ver o que me parecia alguém caído no chão. — Ele ainda lá está. Onde um vampyro o deixou morto e

exangue! — Depois ela desatou outra vez a soluçar histericamente, mas agarrada à filha.

— Eu vou. — Era a voz de Dário, forte e firme. Tocou levemente no ombro de Afrodite e lançou-se a correr para o vulto na obscuridade.

Chegado lá, agachou-se. Hesitou antes de voltar para nós, levantou-se e tirou o casaco, estendendo-o por cima do que seria um cadáver. Depois voltou para Afrodite. Ela ainda segurava na mãe chorosa.

— Os meus sentimentos — declarou. — É o teu pai, e está morto.

O choro da Sr.^a LaFont passou a um lamento agudo e horrível. O resto da multidão começara a bichanar com um desassossego que parecia um misto de raiva e medo. O pânico que se avolumava era quase tangível. Eu sabia que, se ninguém dissesse ou fizesse algo bem depressa, uma noite já de si desagradável podia tornar-se num perigo.

Falei mais alto, contente por continuar com uma voz mais calma do que eu própria me sentia.

— Afrodite, tens de levar a tua mãe para dentro. Dário, chama a polícia e diz que o presidente da Câmara morreu. Lenóbia, Stark, Irmã Mary Angela e as irmãs beneditinas, por favor ajudem estas pessoas a voltarem aos seus automóveis. Eu vou ajudar Afrodite e a mãe a acalmarem e depois vou buscar a Tanatos. Ela saberá o que fazer.

As pessoas até tinham começado a mexer-se e a fazer o que eu indicara quando a mãe de Afrodite se apartou da filha de repente.

— Não! — guinchou, a sacudir a cabeça e a fazer com que o cabelo que lhe restava preso se soltasse por cima dos ombros. — Nunca mais torno a entrar naquele sítio. *Eles mataram o meu marido!*

— Mãe — tentou Afrodite fazer-lhe ver. — Não sabemos como o pai morreu. Ele era hipertenso, pode ter tido um ataque cardíaco.

— Abriram-lhe o pescoço e sugaram-lhe o sangue todo. Não foi um ataque cardíaco. Foi ataque de um vampyro! — gritou-lhe a mãe.

Olhei para Dário em busca de confirmação. Ele acenou com a cabeça ligeiramente e continuou a falar ao telemóvel.

Raios me partam.

— Senhora LaFont, se tiver sido ataque de um vampyro, prometo que encontraremos o assassino e que o levaremos perante a justiça — disse Lenóbia com solenidade.

— É tal como disse a vossa ex-Sumo-Sacerdotisa: vocês são violentos! Por isso é que ela cortou relações convosco. Devíamos ter ouvido o que ela dizia. Devíamos todos ter ouvido o que ela dizia. A coitada da Neferet foi apenas a vossa primeira vítima... — A Sr.^a LaFont continuava a chorar.

— Vou tratar que os humanos continuem a ir-se embora. Zoey,

controla a boca daquela mulher — sussurrou-nos Lenóbia, a passar por mim e por Stark. Depois falou mais alto. — Muito bem, senhoras e senhores, mais uma vez peço desculpa pelas tragédias desta noite. Deixem que eu e as bondosas irmãs os ajudem a voltar ao vosso transporte. A polícia de Tulsa não tarda a chegar, e com certeza não deseja que contaminem o local do crime.

— É melhor eu ajudá-la — murmurou Stark.

— Não, é melhor tu ajudares-me *a mim*. — Agarrei-lhe na mão. Ele fitou-me, perplexo. Falei mais baixo e cheguei-me a ele.

— Ouviste a Lenóbia. Tem de se calar aquela boca. Preciso da tua magia de vampyro vermelho — expliquei.

Ele arregalou os olhos, mas assentiu e sussurrou também:

— O que pretendes que eu faça?

— Deixa-a chorar, mas sem mais gritos nem berros — respondi baixinho.

Ele tornou a assentir e fomos ter com Afrodite, a qual olhava com ar perdido para a mãe chorosa.

Olhei nos olhos de Afrodite, a tentar fazê-la compreender o verdadeiro significado das minhas palavras.

— O Stark vai falar com a tua mãe, não te importas?

O olhar de Afrodite passou para Stark, depois para a mãe dela, antes de voltar a mim.

— Não. Aliás, parece-me mesmo boa ideia.

Pegou no cotovelo da mãe e, a falar baixinho, disse:

— Mãe, tens razão. Não precisamos de entrar na escola, mas ali há um patiozinho simpático, longe dos vampyros. Porque é que não vamos as duas sentar-nos num banquinho enquanto esperamos pela polícia? Está bem assim?

— A polícia dos *humanos*! Eu quero que a polícia dos *humanos* descubra o assassino vampyro do teu pai!

— Como a Lenóbia já disse, a polícia dos humanos vem a caminho. Neste momento, o Stark e a Zoey vêm connosco enquanto aguardamos. Sabes que o Stark não é um vampyro normal. É um Guardião. Ele é, hum, ele já trabalhou com a polícia, a polícia dos *humanos*. — Afrodite ia ficionalizando enquanto levava a mãe para longe da multidão e rumo ao pátio pequeno e escuro perto dos aposentos dos professores. — Portanto, mãe, quero que deixes o Stark fazer-te umas perguntas enquanto esperamos que chegue a polícia dos humanos.

Stark avançou, acenou com a cabeça para Afrodite e ficou no lugar dela ao lado da Sr.^a LaFont.

— Minha senhora, as minhas condolências pelo seu marido — disse ele numa voz suave e encantadora. Até eu conseguia ouvir a magia hipnótica dos vampyros vermelhos, e ele continuou: — Vou garantir que a senhora se encontra em segurança e agora só preciso que venha comigo até ao pátio para poder chorar em sossego. Seria uma grande ajuda se não gritasse nem berrasse mais.

Eu e Afrodite suspirámos de alívio quando a ouvimos repetir o que ele dissera:

— Vou consigo até ao pátio para chorar em sossego. Sem gritos nem berros.

— Tu estás bem? — perguntei a Afrodite enquanto seguíamos o Stark e a mãe dela. Afrodite mexeu os ombros.

— Não sei bem. Eles... Refiro-me aos meus pais, eles nunca gostaram de mim. Aliás, são mauzinhos comigo há tanto tempo que já nem me lembro. A sério, foi um alívio ficar sem eles na minha vida. Mas faz-me sentir esquisita e triste saber que o cadáver do meu pai está ali junto ao muro da escola.

Assenti e enfiei o braço no dela, querendo reconfortá-la com o toque, embora soubesse que ela não era de contactos físicos.

— Compreendo perfeitamente a que te referes. Quando a minha mãe morreu, não importava que ela tivesse sido má para mim durante anos, nem que tivesse preferido o traste do meu padrasto a mim. Só importava que eu perdera a minha mãe.

— Ela estava a abraçar-me enquanto chorava — disse Afrodite, e parecia muito nova e destroçada. — Já nem me lembro da última vez que ela me abraçou.

Não me ocorreu nada para dizer em resposta a isto; fiquei só ali espedada com a Afrodite, bem agarrada a ela, a ouvir a mãe dela chorar enquanto o som das sirenes da polícia se ouvia cada vez mais perto.

Fiquei contente por ver o Detetive Marx outra vez, embora as circunstâncias fossem aquilo a que o Stark mais tarde chamou uma rematada e completa ninhada de gatos.

Marx, pelo menos, não era daqueles humanos que odeiam vampyros. Tinha uns olhos castanhos simpáticos, e lembrei-me de como tinham brilhado quando ele me contara da sua irmã gémea, de ter sido Marcada e passado pela Mudança, e de os dois terem continuado em contacto. Era bom saber que pelo menos um polícia em Tulsa não ia abrir as portas a um linchamento, porque a magia de vampyro vermelho do Stark se estava a acabar bem rápido, e a mãe da Afrodite estava decididamente com uma disposição pró-linchamento.

— Prenda-os! — A Sr.^a LaFont atirou as palavras contra o detetive.
— Prenda-os todos! Foi um vampyro que fez isto, e é um vampyro que deve pagar por isso.

— Minha senhora, o responsável deve pagar por este crime, e por isso é que eu vou investigar a fundo e cuidadosamente o assassinio do seu marido. Vou descobrir quem fez isto. Dou-lhe a minha palavra de honra, mas não posso, e não vou, prender todos os vampyros desta escola.

— Obrigada, Detetive. Enquanto Sumo-Sacerdotisa desta escola, concordo e agradeço o seu profissionalismo, bem como a sua integridade. — Fiquei aliviadíssima por ouvir a voz da autoridade na pessoa de Tanatos. — Não duvide de que iremos cooperar inteiramente com a sua investigação. Também nós queremos que o assassino do presidente da Câmara seja encontrado e presente à justiça, pois não cremos que seja um vampyro o responsável por esta tragédia.

— Abriram o pescoço ao meu marido e sugaram-lhe o sangue do corpo! É ataque de um vampyro. — A Sr.^a LaFont semicerrou os olhos para Tanatos, a voz eivada de veneno.

— Parece certamente o ataque de um vampyro — anuiu Tanatos. — O que é a primeira razão para duvidar que um vampyro tenha cometido este crime. Porque é que um vampyro mataria o presidente da Câmara de Tulsa na Casa da Noite durante uma das nossas casas abertas, e deixaria o cadáver no portão principal para ser descoberto por humanos e vampyros? Não faz sentido.

— Vocês são predadores, faz todo o sentido!

— Senhoras, por favor, não ajuda nada discutir. — O Detetive Marx tentou intervir, mas a Sr.^a LaFont não lhe ligou.

— Você nega ser intimamente aliada da Morte? — A pergunta era como uma bofetada em Tanatos.

— A afinidade que a Deusa me deu é deveras afinidade com a morte. Tenho um dom que me permite ajudar os espíritos dos mortos a encontrarem o caminho para o Outro Mundo.

— Era isso que andava a fazer com o meu marido? A seduzi-lo e a enganá-lo? A ajudá-lo a encontrar o caminho para um outro mundo vampyrico fictício? — A voz dela soava cada vez mais alto a cada pergunta que atirava a Tanatos.

— Com certeza que não, Sr.^a LaFont. Não tive nada a ver com a morte do seu marido. — Tanatos virou-se para o Detetive Marx. — Poderá interrogar qualquer um dos presentes na casa aberta desta noite. Eu estive sempre à vista do público. Mesmo quando se deu a tragédia e uma das

nossas iniciadas rejeitou a Mudança e faleceu, continuei acessível à nossa escola e aos alunos.

— Morreu aqui uma iniciada esta noite também? — perguntou o detetive. Tanatos assentiu. — Vão sentir-lhe a falta.

— Porque é que está a perguntar da iniciada? Toda a gente sabe que podem cair mortas a qualquer segundo. É normal para esta laia. O meu marido foi assassinado por um vampyro. Isso é que não é normal!

— Se foi um vampyro a matar o meu pai, posso garantir-te que esse vampyro não faz parte desta escola! — exclamou Afrodite de repente. Em seguida, com toda a gente a olhar para ela, mordeu o lábio e desviou o olhar, constrangida.

— Estás a dizer que sabes quem matou o teu pai? — A mãe da Afrodite parecia estar a entregar-se à loucura outra vez.

Afrodite engoliu em seco e depois surpreendeu-me dizendo:

— A única vampyra que eu conheço que faria uma coisa destas quer deitar as culpas para cima da Casa da Noite. — Calou-se, e tentei apanhar-lhe o olhar e telegrafar um grande não digas, mas Afrodite estava a olhar para a mãe, como se pudesse mesmo levar Frances LaFont a acreditar nela.

— Mãe, a nossa antiga Sumo-Sacerdotisa, Neferet, guarda-nos um enorme rancor. Ela é malvada, mãe. Pior, é maligna. Ela seria capaz de fazer uma coisa destas.

— Isso é ridículo, Afrodite! Neferet era amiga do teu pai. Ele nomeou-a agente de ligação entre os vampyros e a cidade. Ela não o teria matado!

— Neferet só queria usar o pai e a cidade — insistiu Afrodite. — Ela nunca quis ser amiga dos humanos. Ela odeia humanos. Aliás, a única coisa que ela odeia mais do que os humanos é a nossa Casa da Noite, especialmente depois de ter sido corrida daqui. Portanto, faz todo o sentido que ela matasse o presidente da Câmara de Tulsa na Casa da Noite durante a nossa casa aberta. Sabe bem que vai causar grandes problemas entre humanos e vampyros.

— Sumo-Sacerdotisa? — Marx virou-se para Tanatos antes que a Sr.^a LaFont pudesse opinar. — O que sabe de Neferet e dos seus motivos?

— Como eu declarei em entrevista à Fox News há mais de uma semana, Neferet foi destituída da nossa Casa da Noite. Creio que o que Afrodite está a dizer faz sentido. Neferet ficou muito zangada connosco.

— Zangada a ponto de matar? — perguntou o detetive. Tanatos suspirou.

— Receio que ela seja capaz de grande violência. Foi uma das

razões para o Alto Conselho a destituir do cargo aqui e do título de Sumo-Sacerdotisa de Nyx. Apesar do que ela disse ao presidente da Câmara e aos vereadores, Neferet era quem advogava a violência contra os humanos, não nós.

— Se sabia que ela era violenta, deveria ter-nos informado dessa preocupação — disse Marx em tom sombrio.

— Não informaram porque o que estão a dizer não passa de mentiras! — explodiu a Sr.^a LaFont. — Ainda esta noite, eu, o Charles e alguns dos vereadores falámos da estranheza de o apartamento de Neferet ter sido vandalizado, e de ela desaparecer a seguir, tudo *depois* de tomar uma posição pública contra o que se tem passado aqui na Casa da Noite. O próprio Charles disse desconfiar de intenções criminosas.

Afrodite parecia completamente chocada.

— Mãe, tu não podes crer mesmo nisso.

— Mas é claro que sim! Neferet teve a força de se pronunciar contra assassinos vampyros. O teu pai ficou do lado dela. Agora ela está desaparecida e o teu pai foi assassinado. — A Sr.^a LaFont virou o olhar furibundo para o detetive. — E o que é que você vai fazer acerca destes crimes hediondos, exatamente?

— Senhora LaFont, por favor — começou o detetive, mas ela interrompeu-o.

— Não, estou farta. O meu marido morreu e eu não vou ficar passivamente sem fazer nada quanto ao assassinato dele e a deixar que a culpa vá para os inocentes. Vou para casa. Vou ligar ao meu advogado. Vocês ainda vão ter notícias minhas. — Aqueles olhos azuis despeitados encontraram Afrodite. — E tu vens comigo. Vamo-nos embora. Já.

A Sr.^a LaFont já dera vários passos para longe de nós antes de se aperceber de que a filha não a seguia. Parou, virou-se e levantou o lábio num esgar que se parecia tanto com o de Afrodite no seu piorzinho que eu devo ter ficado embasbacada que nem uma turista.

— Afrodite, eu disse que tu vens comigo para casa. *Já*. Estou a falar a sério.

— Não — disse Afrodite com simplicidade. Achei que ela parecia mesmo cansada, mas a voz não lhe vacilou. — Eu estou em casa, e é aqui que eu vou ficar.

— O assassino do teu pai é um deles!

— Mãe, já te disse, se foi um vampyro a matar o pai, não é um destes aqui.

— Afrodite, não te vou dizer para vires comigo outra vez.

— Ótimo. Assim não tenho de te dizer que não outra vez. Lamento

que o pai tenha morrido, e que isso signifique que estás sozinha. Mas não vivo contigo há quase quatro anos. Tu já não és a minha família.

— Detetive, posso obrigá-la a vir comigo? — perguntou-lhe a Sr.^a LaFont.

— Ora aí está uma boa pergunta. — O detetive olhou para Afrodite e para Tanatos. — Não lhe vejo a meia-lua na testa. Tem a Marca tapada por alguma razão?

— Não. Afrodite é uma aluna invulgar da Casa da Noite. Foi Marcada outrora, mas a meia-lua desapareceu, embora os dons que Nyx lhe concedeu quando era iniciada não tenham desaparecido, daí o facto de o nosso Alto Conselho a ter nomeado Profetisa de Nyx. Por conseguinte, embora Afrodite não seja iniciada nem vampyra, foi Escolhida pela nossa Deusa, e terá sempre lugar na Casa da Noite.

O Detetive Marx exalou longamente.

— Bem, ser Marcada e Escolhida por Nyx significa que Afrodite foi emancipada dos seus pais humanos. Embora as circunstâncias sejam bizarras, eu diria que, com a decisão do Alto Conselho dos Vampyros, a emancipação continua válida. Senhora LaFont, creio que a resposta à sua pergunta é não, não posso obrigar a sua filha a ir consigo.

— Afrodite. — A voz da Sr.^a LaFont era como gelo. — Vais fazer o que eu digo e vir para casa comigo, ou preferes ficar com os assassinos do teu pai?

— Prefiro a minha família verdadeira e a minha casa verdadeira — respondeu Afrodite sem hesitar. Deu a mão a Dário e agarrou-se bem a ele enquanto a mãe lhe cuspiu veneno para cima.

— Então quem me dera nunca te ter parido. Nunca mais te atrevas a chamar-me mãe. Nunca mais me dirijas a palavra. Nego completamente a tua existência. Para mim, morreste, como o teu pai morreu.

A Sr.^a LaFont virou costas à filha e foi-se embora dali para fora.

No silêncio que a mãe deixara atrás de si, a voz de Afrodite pareceu muito pequenina quando disse:

— Queria mesmo ir para casa agora. Vou para o autocarro esperar que vocês se despachem daqui.

— Autocarro? — perguntou o Detetive Marx.

— Sim — respondeu Tanatos, num tom cansado. — Alguns dos nossos alunos e vampyros preferem viver fora do campus. Está quase a nascer o Sol. Eles têm mesmo de voltar para sua casa.

— Esse alojamento fora do campus deve-se ao facto de haver um tipo de vampyro novo? — O detetive olhou para as tatuagens vermelhas de Stark. — Vampyro vermelho?

— Existe realmente, como Neferet anunciou na sua conferência de imprensa, um novo tipo de vampyro entre nós, e alguns deles encontram-se entre os iniciados e vampyros que preferem viver fora do campus — respondeu Tanatos, a voz a soar desconfiada.

— E o que a Neferet disse desses vampyros também é verdade?

— Se quer dizer a parte de sermos violentos e perigosos, não. Não é verdade — afirmou Stark, a olhar para o detetive de frente. Este hesitou, e depois, num tom definitivo terrível, declarou:

— Sumo-Sacerdotisa, vou ter de insistir que nenhum dos seus iniciados nem vampyros saia do campus até termos investigado o crime desta noite exaustivamente, e sermos capazes de descartar um assassino oriundo da vossa Casa da Noite. Se me obrigar a isso, tenho a certeza que consigo acordar um juiz e arranjar uma ordem do tribunal para fechar o campus, mas devo dizer-lhe que daria melhor aspeto não ser necessária nenhuma medida oficial.

Sem hesitação visível, Tanatos anunciou:

— Não há necessidade de qualquer ordem do tribunal. Atenderei de livre vontade o seu pedido. Zoey, diz aos alunos que saiam do autocarro. Até indicação em contrário, toda a gente vai viver dentro do campus.



TERCEIRO CAPÍTULO

Afrodite

Já não sei o que será pior, que os tansos da polícia não nos deixem ir para os túneis do depósito, ou o facto de eu ter começado a pensar naqueles túneis merdosos como a minha casa — resmungou Afrodite a remexer na malinha. — Onde raio está o meu frasco de *Xanax*?

— Eu ajudo-te, belíssima. — Delicadamente, Dário tirou a malinha *Red Valentino* a Afrodite, correu o fecho de um bolsinho lateral interior e tirou o frasco dos comprimidos. — *Xanax* ou vinho, os dois, não — disse ele, com o frasco longe das mãos dela.

— O meu pai morreu — disse ela em tom sepulcral.

— Creio que a questão é o Dário não te querer ver morta também — disse Zoey, a deixar-se cair pesadamente no sofá ao lado dela, na pequena sala de espera da enfermaria. — Eu percebo o que estás a sentir, e sei que pode parecer boa ideia ficar completamente adormentada esta noite, mas não há maneira de fugir à morte de um dos pais.

— Mesmo de um pai da treta? — perguntou Afrodite à Z.

— Sim, mesmo de um desses — respondeu Zoey com ar sabedor. — Vais ter de acabar por lidar com isso. Pela minha experiência, diria que é melhor mais cedo do que mais tarde.

Afrodite franziu o sobrolho, mas largou a garrafa de vinho tinto donde estivera a beber pelo gargalo.

— Pronto, está bem, escolho o *Xanax*.

— Mas apenas um — insistiu Dário.

— Pronto, está bem, outra vez. Dá cá. Mesmo ficar só meio adormentada já me parece bom neste momento.

Dário estava a pôr o comprimidinho azul na palma da mão de Afrodite quando a voz de Shaunee a fez levantar a cabeça com a surpresa.

— Eu não quero ficar adormentada, nem sequer meio adormentada. — Shaunee entrou na sala de espera, seguida de Stevie Rae, Refaim, Damien e Tanatos. — Se ficar adormentada, ainda me esqueço do que aconteceu esta noite, e isso significa que me esqueço do que aconteceu na última noite da vida da Erin. A vida dela merece ser recordada. Afrodite, a vida do teu pai também merece ser recordada.

Afrodite meteu o comprimido na boca e engoliu sem nada para empurrar.

— Quando me recordar do meu pai, vou lembrar-me de um homem fraco brutalizado pela minha mãe até ficar menos que um homem. Não sei bem se quero recordar-me disso. De que é que te vais recordar sobre a Erin? Como as duas partilharam cérebros aquele tempo todo, ou como as duas se dividiram?

— Francamente, Afrodite, tenho muita pena que o teu pai tenha morrido esta noite, mas não é razão para seres mazinha com a Shaunee — atalhou Stevie Rae.

— Stevie Rae, todos lidamos com a morte à nossa própria maneira — explicou Afrodite, e mostrava muito mais paciência do que aquela que sentia. — A minha maneira implica dizer as coisas frontalmente, e lamento se ficas constrangida, mas não estou a ser mazinha. Estou a ser realista. Em que ficamos, Shaunee?

— Nas duas — respondeu Shaunee devagar. — Vou recordar-me da minha Gémea como ela realmente era, nem só boa, nem só má. A maioria das pessoas não é só boa ou só má. — Shaunee deixou de olhar para Afrodite e mirou Zoey. — Como é que tu recordas a tua mãe?

Zoey suspirou longamente de tristeza.

— Tento lembrar-me da visão que Nyx me deu com ela a entrar no Outro Mundo. Estava em paz nessa altura, e é uma boa recordação.

— Pois eu não tenho essa opção com o meu pai — disse Afrodite. — Não sei bem onde é que ele está, mas não apostaria que seja no Outro Mundo de Nyx.

— Ainda poderias ficar admirada — disse Tanatos.

Afrodite olhou para ela, obviamente chocada.

— Está a dizer-me que viu o espírito dele a entrar no Outro Mundo?

— Não, eu não estive presente na morte dele, e o espírito não ficou para comunicar comigo, mas posso dizer-te que senti muita paz na terra no sítio onde ele morreu. Espero que te ajude saber que, quando sinto uma tal presença de paz após uma morte, é porque o espírito que partiu

se libertou de uma vida de tumulto, tragédia ou tristeza. Creio que o espírito do teu pai ficou aliviado por se ver livre desta vida, e que ele poderá renascer em circunstâncias mais felizes.

Afrodite piscou os olhos com força, várias vezes, e impediu que as lágrimas lhe caíssem. Demorou muito tempo a recompor-se, mas os amigos esperaram com toda a paciência. Quando ela finalmente falou, a voz tremia-lhe.

— O-Obrigada por me dizer isso, Tanatos, ajuda, sim. Sinceramente, não me lembro de altura nenhuma em que o meu pai estivesse realmente feliz. Tenho esperança... — Aqui calou-se, pigarreou e depois continuou: — Tenho esperança de que ele encontre a felicidade da próxima vez.

— Será essa a minha oração a Nyx — declarou Tanatos.

— A minha também. E a minha. Sim, a minha também — ouviu-se o eco dos amigos.

— Vamos fazer o velório do corpo da Erin nos próximos dias? — A pergunta de Zoey até abalou a sala inteira.

— Não será necessário — respondeu Tanatos.

— Bem, eu sei que o assunto não é nada agradável, mas alguém tem de falar dele. — Zoey falou como se não reparasse, nem se ralasse, que toda a gente olhasse para ela, horrorizada.

Afrodite escondeu um sorriso de admiração. *Ora, ora, a Z já começa a parecer uma Sumo-Sacerdotisa como deve ser: cabra.*

— Estão aqui dois vampyros — continuou ela, a fazer sinal para Stark e Stevie Rae — que, enquanto iniciados, rejeitaram a Mudança e “morreram”. — Ela fez aspas com as mãos. — Tal como a Erin “morreu” esta noite. — Zoey tornou a fazer aspas. — E os dois desmorreram e voltaram como iniciados vermelhos em poucos dias. Assim sendo, parece-me que temos de...

— Z, não — disse Stevie Rae com ar constrangido. — A Erin não volta.

— Stevie Rae, eu disse que isto não é agradável, mas temos de lidar com isso — continuou Zoey sem perceber. — Quem é que vai vigiar...

— Não é preciso ninguém vigiar a iniciada. — Tanatos interrompeu Zoey. — Ela morreu verdadeiramente.

— A Tanatos viu o espírito dela entrar no Outro Mundo — disse Shaunee em voz baixa. — Nyx recebeu-a.

— Posso garantir-te que Nyx não nos recebeu a nenhum de nós que morremos e desmorremos — acrescentou Stevie Rae.

— Pois não — corroborou Stark.

— A Erin morreu mesmo — ajudou Damien.

— Está bem, eu só... Bem, não queria parecer fria nem nada disso — explicou Zoey numa voz algo abalada. — Só pensava que tínhamos de ter a certeza.

— Temos a certeza — afirmou Tanatos.

— Eu estou com a Z em como temos de falar frontalmente, e creio que temos de ter a certeza doutra coisa também — disse Afrodite, e encarou o semblante sábio de Tanatos. — O círculo expulsou aquilo que parecia o corpo parcialmente reconstituído de Neferet e, quando ela foi expulsa do campus, ela passou pelo corpo da Erin, e foi na direção exata onde o meu pai foi encontrado. Acho que temos de descobrir se a Neferet matou os dois, a Erin e o meu pai.

Tanatos deixou soçobrar os ombros.

— Receio bem que não haja maneira de ter a certeza absoluta, mas a suposição de Afrodite quanto ao responsável pelas duas mortes pode fazer todo o sentido. Eu senti a presença da morte momentos antes de a Zoey me contar das aranhas. Essa morte pode ter sido a Erin a rejeitar a Mudança, o princípio dessa rejeição, ou pode ter sido Neferet a tentar regressar dos mortos. — Tanatos lançou um olhar inquiridor ao grupo. — Algum de vocês reparou se a Erin mostrava sinais de doença antes desta noite? Alguém a ouviu tossir ou dizer que se sentia invulgarmente cansada?

— Porque é que não experimenta perguntar a alguém que a conhecesse mesmo e se importasse com ela? — perguntou Dallas do corredor à porta da sala, com um ar muito zangado.

— Dallas, ainda bem que chegaste. Vem sentar-te e conversar conosco. Quando estiveres preparado para ver o corpo da Erin, e para te despedires, eu levo-te e conto-te das boas-vindas que a nossa Deusa deu ao espírito da tua amiga, quando ela entrou no Outro Mundo esta noite — disse Tanatos.

— Não tenho nada a dizer a nenhum de vocês. Ela estava *ótima* antes de invocarem aquele maldito círculo! Eu não queria que ela participasse. Tentei impedi-la. Teria conseguido se aí a Dona Patroa de Tudo não tivesse mandado o Guerreiro dela tirar-me do caminho. Eu nem sequer sabia que a Erin tinha morrido até há poucos minutos quando finalmente consegui sair daquele maldito armário. — Os olhos de Dallas eram linhas vermelhas e hostis. — Não sei a quem é que está a tentar culpar desta asneirada imensa, mas posso dizer-lhe que sei a verdade, e que toda a gente há de ficar a saber nesta Casa da Noite: a Erin morreu por causa de qualquer merda que a Zoey Redbird e os amiguinhos fizeram acontecer naquele círculo esta noite.

Ela estava ótima até essa altura e, se eu a tivesse conseguido impedir, continuaria a estar ótima!

As luzes na sala de espera começaram a falhar conforme a raiva de Dallas ia aumentando.

— Já é mais que altura para te calares, Dallas — disse Stark, e pôs-se de pé entre o vampyro enraivecido e Zoey. Dário juntou-se a ele, ficando ombro a ombro.

— A Erin rejeitou a Mudança, não teve nada a ver com o círculo da Zoey.

— Ela não queria que a impedisses. — Shaunee começara a chorar outra vez. — Ela queria voltar a fazer parte do nosso círculo.

— Ela não queria pevas de nenhum de vocês! — berrou Dallas.

— Não vais falar alto com raiva tão cedo depois da morte inoportuna de uma iniciada. — A força na voz de Tanatos fez as luzes fixarem-se e Dallas dar um passo atrás. — Se quiseres despedir-te da tua amiga em paz, com amor e respeito, não tenho impedimentos alguns. Se quiseres cuspir raiva e semear a discórdia, terás de te ir embora, Dallas, e levar essa energia negativa contigo. Não tem lugar à cabeceira de quem recentemente se juntou à nossa Deusa.

— Hei de despedir-me da Erin à minha maneira, e não será com a gente causadora da sua morte! — Dallas rosou as palavras e, com um esgar de desprezo, recuou mais passos antes de virar costas e sair a correr da enfermaria.

— Vai ser um problema bem grave — disse Stark.

— Tem sido um problema grave desde que soube de mim e do Refaim — disse Stevie Rae a morder o lábio. — Ficou todo lixado.

— A culpa não é tua — disse Refaim, a pegar na mão de Stevie Rae.

— Pois preferia não sentir que é mesmo — murmurou Stevie Rae, e encostou-se ao namorado. — É que ele era tão fofo, e agora é mais do que um idiota, é um idiota perigoso. — Stevie Rae olhou para Tanatos. — Não me agrada dizer isto, mas acho que a morte da Erin vai ser a desculpa de que ele precisava para fazer uma estupidez qualquer, tipo, querer fazer-nos mal.

— Pois, e connosco todos juntos aqui no campus, o Dallas e os atrasados que andam com ele vão arranjar o máximo de chatices que puderem — disse Afrodite. Stark sorveu ar e toda a gente olhou para ele.

— Arranjar chatices: é a mesma coisa que a Neferet quer. E nós sabemos que, mesmo antes de a Neferet raptar a Avó Redbird, o Dallas andava mancomunado com ela.

— Significa isso que, se a Neferet tiver conseguido recompor-se o

bastante para reconstituir o próprio corpo, há hipóteses de vir a contactar o Dallas outra vez para meter o bedelho no que se passa na Casa da Noite — rematou Zoey o que Stark começara.

— Com o Dallas a culpar-nos pela morte da Erin, vai ficar regalado como um abutre numa carroça do talho para fazer tudo o que puder prejudicar-nos — disse Stevie Rae.

Afrodite fez uma careta perante a analogia pacóvia de Stevie Rae, mas tinha de concordar com a lógica subjacente.

— A pior coisa que se pode fazer para nos prejudicar será arranjar maneira de provar que um dos vampyros da Casa da Noite matou o meu pai.

— Creio que a tua suposição é acertada. Neferet matou o teu pai. Também creio que a sua forma de aparecer poderá ter traumatizado o corpo da Erin de tal modo que o levou a rejeitar a Mudança. Neferet pode ser culpada de ceifar literalmente duas vidas preciosas esta noite — declarou Tanatos.

— Há de querer deitar essa culpa para cima de alguém — disse Afrodite.

— Pois, há de querer forjar provas que deem a entender ter sido alguém daqui — concordou Z. — O Dallas não se importa nada de ajudar nisso, não tenho dúvidas nenhuma.

— Tem de se impedir — disse Tanatos.

— Como? Isto é uma escola, não é um forte militar. Não custa nada entrar e sair daqui à socapa. Todos sabemos disso: todos já o fizemos. Não nos podemos esquecer que a Neferet conhece os cantos à casa muito melhor do que nós — disse Afrodite.

— Então a minha missão até se revela simples: tenho de conceber algo que impeça a Neferet de entrar no campus — disse Tanatos.

— Vai ter de impedir mais do que a Neferet. Estou mesmo a ver o Dallas, ou algum amiguinho nojento, a esgueirar-se e a fazer a taradice que a Neferet lhe mandar fazer. Ela não vai ter de fazer nada propriamente, ela adora delegar. Fá-la sentir-se toda-poderosa — disse Afrodite.

— Bem visto — concordou Z.

— Vou ponderar a questão e, até dispor de resposta, tenho a certeza que o recinto da escola está a ser diligentemente patrulhado. Kalona e Aurox não deixarão ninguém entrar no campus durante o dia — disse Tanatos. — Entretanto, é quase madrugada. Todos têm de ir repousar.

Afrodite levantou-se e ficou admirada por sentir a sala oscilar lentamente à sua volta. Agradecida por ter o *Xanax* já a fazer efeito, encostou-se ao braço forte de Dário.

— Bem, eu diria que não quero parecer cabra, mas estaria a mentir. Não me interessa o que pareço ou deixo de parecer. A Tanatos e o resto do Conselho Escolar fiquem sabendo que o Dário vai ficar comigo no meu antigo quarto do dormitório. — Afrodite dirigiu-se a Tanatos numa voz firme que não admitia réplica, fazendo-a lembrar-se da própria mãe, e sentiu-se algo constrangida. — Sei que é contra as normas, mas também é contra as normas raptar uma avó, matar um humano sem razão alguma, e fazer uma iniciada rejeitar a Mudança e morrer. Estas são apenas três na longa lista de normas que foram infringidas pelos maus da fita recentemente. Eu vou infringir uma norma pelos bons da fita. Não quero dormir sem o meu Guerreiro, e posso garantir-lhe que a Z se sente da mesma maneira. — Afrodite lançou um olhar bem-humorado a Stevie Rae. — A pacóvia diria que vai dormir com o Passaroco, mas ele vai transformar-se em pássaro e, aparentemente, ela ainda se recusa a metê-lo numa gaiola de noite, não é, Stevie Rae?

— Não falo contigo quando chamas passaroco ao Refaim. — Stevie Rae fez-lhe má cara.

— Pois, tal como eu pensava. Nada de gaiolas. Seja como for, andamos a combater o mal e a salvar a porra do mundo há meses, e eu preciso do meu Guerreiro. Não tenho pena nenhuma se isso a deixar constrangida. Ponto final.

Houve uma longa pausa enquanto Tanatos e Afrodite se fitavam, e depois Tanatos disse:

— Creio que há precedentes para os Guerreiros partilharem alojamento com as suas Sacerdotisas, especialmente se entenderem que as Sacerdotisas correm perigo.

— A Z está sempre a correr perigo — disse logo Stark.

— Bem como a minha Profetisa — acrescentou Dário, e rodeou-a com um braço protetor. Afrodite sorriu.

— Parece que é ponto assente.

— Stevie Rae, sei que vais dormir sozinha assim que o Sol nascer — disse Shaunee baixinho. — Se não te importasses, gostaria muito que ficasses comigo no meu quarto do dormitório, aquele onde eu ficava com a Erin. Não... Não sei se consigo lá ficar sozinha.

— C'um caraças, claro que fico contigo! — exclamou Stevie Rae e abraçou Shaunee. — Mas tenho de deixar a janela aberta para o Refaim.

— Pode arranjar-se — disse Shaunee. — Na boa.

— Mas não se esqueçam de correr bem os cortinados pretos para o sol não entrar durante o dia — lembrou Zoey, a olhar para o relógio. — Quanto falta para a alvorada?

— Vinte e quatro minutos — disseram Stevie Rae e Refaim em unísono.

— Pronto, vocês vão lá instalar-se. Stark, vai ao meu antigo quarto e faz o que eu disse à Stevie Rae, vê lá se os cortinados estão bem corridos. Eu vou ver o resto do nosso grupo para saber se estão bem instalados, pelo menos, por hoje — disse Zoey.

Afrodite observou-a bem. A Z parecia normal, mas havia algo nela — um tom diferente na voz — um ar invulgarmente tenso no rosto — olheiras fundas. Não era algo que definisse a Zoey de todos os dias. A Zoey de todos os dias ficava cansada, até ficava rabugenta de vez em quando, mas safava-se sempre disso e fazia o que tinha de ser feito. Afrodite apercebeu-se, conforme observava e estudava a Z, de que ela era uma rapariga que fazia o que tinha de ser feito, mas que não estava *nada* a safar-se do resto.

— Z, porque é que não deixas a Tanatos ir aconchegar os miúdos esta noite? Tu invocaste um círculo e deste uma abada à Neferet. Esse tipo de poder deixa-te esgotada, física e mentalmente. Já não somos uns tristes, escondidos a lamermos as feridas sozinhos. É uma real seca estar aqui preso, mas também há vantagens em ficar na nossa Casa da Noite. Basta de encomendar pizzas baratas para serem entregues ao fundo da rua. Ó Flecha, tens de levar a tua miúda à cozinha e dar-lhe de comer e beber antes que o Sol te deixe esturricado — disse Afrodite.

— Não preciso que me digas como tomar conta da Z — barafustou Stark.

— Lindo. É assim que vais reagir a conselhos de jeito? Mas que menino tão crescido — disse Afrodite, a abanar a cabeça mas já com um ar zozzo.

— Se o Dário não te tivesse bem segura, já terias caído de cu — disse Stark.

— Mas querem parar de *brigar*?! — berrou Zoey; depois respirou fundo e exalou antes de continuar. — A Afrodite tem razão. Estou cansadíssima e preciso de comer.

— Repousa e repõe as energias — disse Tanatos a Zoey. Depois olhou para Afrodite e Stark. — A vossa Sumo-Sacerdotisa tem razão. As vossas brigas não ajudam ninguém, exceto quem deseja semear a discórdia entre nós.

— Desculpa lá — murmurou Stark para Afrodite. — Fico melindrado quando a Z está cansada.

— Estás desculpado. Eu fico lixada quando me matam um pai — Afrodite encostou-se ainda mais a Dário. — Não te importas de me levar para a cama, jeitoso?

— Nunca, jamais — retrucou Dário e fez uma vénia respeitosa a Tanatos, Zoey e Stevie Rae. Depois levou Afrodite praticamente ao colo.

Caminhavam debaixo dos velhos carvalhos que davam sombra ao recinto à volta do dormitório das raparigas quando Afrodite sentiu uma dor penetrante nas têmporas que a deixou cega. O corpo contorceu-se de espasmos, fazendo-a gritar e sair dos braços de Dário, e tombar por terra enquanto a visão a manietava.

*Grande poder grande responsabilidade traz
Com o prazer da liderança e do luxo debes ser sagaz
Usa a espada de Dâmocles para tudo sopesar
Quando ela acreditar que o antigo é a solução que a seduz
Tudo irá cair por terra e o sangue irá devorar a Luz.*

Afrodite estava completamente lixada. Como se não bastasse ter uma puta de uma dor de cabeça e o desmaio que antecedia mais uma visão, agora também estava a ouvir poesia.

Deusa, como ela odiava poesia.

A linguagem figurativa até metia nojo aos nojentos, o que, já de si, também é linguagem figurativa e, como tal, obrigava-a a pensar naquilo que odiava explicar, naquilo que odiava.

Até se teria rido de si própria, mas a dor não a deixava.

Quase à beira da inconsciência, Afrodite teve noção de que Dário a chamava repetidamente e lhe fazia festinhas no cabelo.

Ele não deixa que me façam mal. Pronto, Nyx, estou pronta para o que me quiseres mostrar. Deusa, ainda bem que já tomei um Xanax. Será que isto me dá direito a mais um copinho de vinho quando voltar e...

A consciência de Afrodite foi-lhe arrancada do corpo e explodiu-lhe pelos olhos fora com uma violência que rebentou vasos sanguíneos e lhe pôs a cabeça a latejar de dor.

Não é que tenha tido essas sensações no momento. O espírito de Afrodite ia atrás de uma fita prateada e fina de luz que o levava para longe... Para muito longe...

O espírito de Afrodite caiu na visão e no corpo de Zoey.

Deusa, como ela detestava passar por merdas pavorosas que acontecessem a outras pessoas, especialmente quando essas pessoas eram amigas. Afrodite preparou-se e espreitou pelos olhos de Zoey.

A Z estava sentada no refeitório. Parecia que estava sozinha, tirando a presença de Aurox. Ela estava a olhar para os olhos de Aurox e ele chamava-lhe Zo e mandava-a tomar um *Xanax*. Afrodite sentiu a vaga

das emoções da Z quando as palavras dele despertaram algo dentro dela. Estava tão confusa e dividida entre o que queria e o que achava que devia fazer, que as entranhas da Zoey mais pareciam um caldeirão de emoções ao rubro. Afrodite sentiu o calor das emoções a expandir-se do peito da Z quase como se a estivessem a queimar mesmo. Estava precisamente a pensar no que raio seria aquilo quando a Z, e Afrodite também, deu consigo a provar do sangue de Aurox. Assim sendo, praticamente tudo o resto lhe desapareceu da cabeça.

Beber o sangue do Corninhos grande e louro não era tão asqueroso como Afrodite teria pintado — não é que tivesse pensado em beber do sangue do putto. Jamais. Talvez parte da falta de asco se devesse ao facto de a Z gramar mesmo as cenas de sangue. Credo. A Z tinha mesmo qualquer coisa pelo Aurox. Era algo de que ela não se podia esquecer. Junto com o ardor esquisito.

Depois a cena mudou e Stark estava lá, como sempre, a estragar a brincadeira a ela (e à Z). Estava armado em idiota possessivo, ele e a Zoey estavam a discutir, era uma seca.

Não era coisa que desse para ficar furibunda da vida, mas era isso que Afrodite sentia dentro da Z. A miúda estava supinamente lixada.

Essa cena passou a outra, em que a única coisa igual era o nível de frustração da Z. Afrodite não sabia dizer onde se encontrava. Não estava um dia lindo e esplendoroso, mas também não era de noite, porque o céu não lhe bulia com os olhos, pelo que a Zoey estaria a olhar para baixo, até uns gajos pessimamente trajados começarem a meter-se com ela. Zoey fez-lhes frente, coisa com que Afrodite concordou plenamente, mas depois o nível de raiva dela atingiu a zona de perigo. Afrodite viu, sem nada poder fazer, Z erguer as mãos e dar largas à frustração, raiva e confusão que a assolavam. Afrodite mal conseguia ver as caras dos dois tipos, mas o terror que mostravam ficaria para sempre indelével na sua memória, quando foram atirados contra uma parede e o sangue esguichou por todo o lado.

De novo, mudança de cenário, e desta vez Afrodite já não via pelos olhos de Zoey. Estava a vê-la a alguma distância. A Z voltara à Casa da Noite. A raiva mudara e agora ela parecia chateada, assustada e baralhada. Porém, não era esta a única mudança que Afrodite via. *Viu* que Zoey trazia algo com ela. Parte disso era terrível. Pareciam pulgas ou uma espécie de piolhos devoradores de carne agarrados à Zoey, a rastejarem-lhe debaixo da pele. Diante dos olhos de Afrodite, ela completamente enojada, as coisas rastejantes abanaram e transformaram-se, pareciam purpurina, ou talvez até um manto bonito que cobrisse a Zoey.

Depois Afrodite pestanejou e as coisas voltaram a ser insetos rastejantes horrorosos aos magotes.

Afrodite não fazia a mais pálida ideia do que seriam as coisas, mas era bastante evidente que *não* saíam da Zoey. Não se baseavam nos elementos. A cabeça de Afrodite dava voltas. Aquilo que irritava a Z regiamente era normal — frustração com namorados em particular e gente armada em estúpida no geral. A anomalia estava na reação da Z. *Poderia não ser realmente a reação da Zoey — mas sim frustração e raiva a fluírem por ela, a serem absorvidas por ela, a serem usadas por ela, de que a Zoey não se apercebia? Por que raio é que as coisas se tinham transmutado e parecido lindas? Afrodite não sabia o que se estava a passar, mas sabia que o resultado seria a Zoey zangada e poderosa e completamente descontrolada.*

Isso deixou Afrodite aterrorizada.

A cena seguinte passou tão depressa que Afrodite se sentiu tonta de vertigem.

Da perspetiva da Z, Afrodite viu-se a ser levada, algemada, para a cela de uma prisão. Mesmo antes de a porta de ferro bater e a trancar numa cela de solitária claustrofóbica, Zoey deixava descair os ombros. A raiva que a enchia poderosa e completamente apagara-se. Totalmente destroçada, e a odiar-se a si mesma, a Zoey viu a porta de ferro fechar-se como se a selasse num túmulo. Depois a jovem Sumo-Sacerdotisa, e melhor amiga de Afrodite, foi para o canto da cela, deixou-se cair encostada à parede, abraçou os joelhos ao peito e começou a balouçar para a frente e para trás, para a frente e para trás. Três palavras repetiam-se uma e outra vez na cabeça de Zoey: *Eu mereço isto. Eu mereço isto. Eu mereço isto. Eu mereço isto...*

A Zoey já não tinha esperança.

Nisto, Afrodite foi arrancada do ponto de vista da Z outra vez e deu consigo a pairar sobre o centro de uma vasta catedral. Cheia de náuseas, olhou para baixo e viu que os paroquianos estavam mortos. Todos mortos. Cada qual com o pescoço degolado e o corpo sem pinga de sangue.

Uma voz triunfante repetia três palavras uma e outra vez na cabeça de Afrodite: *Eu mereço isto. Eu mereço isto. Eu mereço isto. Eu mereço isto...*

*Grande poder grande responsabilidade traz
Com o prazer da liderança e do luxo deves ser sagaz
Usa a espada de Dâmocles para tudo sopesar
Quando ela acreditar que o antigo é a solução que a seduz
Tudo irá cair por terra e o sangue irá devorar a Luz.*

A poesia repetiu-se na cabeça de Afrodite quando a perturbante cena final se dissipou e o espírito dela irrompeu numa explosão outra vez no seu corpo cego e tolhido de dor.

— Dário! — chamou ela, a sorver ar e com as mãos nos olhos fechados que lhe sangravam.

— Estou aqui! Estás a salvo! — exclamou ele. — Vou mandar buscar a Zoey e...

— Não! — disse ela com as forças que lhe restavam. — Não deixes a Z saber. Não deixes ninguém saber.

— Farei o que me pedes, belíssima. Descansa. Comigo estarás sempre a salvo.

E Afrodite deixou-se perder os sentidos.



QUARTO CAPÍTULO

Zoey

Nunca achei vir a desejar que as aulas não tivessem sido canceladas — disse eu, a andar de um lado para o outro no quarto do dormitório. — Não sei em que raio estava Tanatos a pensar. Se fôssemos às aulas hoje, pelo menos teríamos alguma coisa para fazer. Amanhã é sábado. Não precisamos *nada* de um fim de um semana prolongado.

Stark virou-se na cama com um ar amarfanhado e meio acordado. Fez-me o seu sorriso fofo e malandro, o que o fez parecer fofo e malandro, e não era nada mau.

— Se voltares para a cama, já te dou que fazer.

Mesmo assim, eu estava ralada de mais para me apetecer, pelo que pestanejei com ar inocente e retruquei numa voz de parvinha:

— Ah, vais dar-me a mim e à escola toda que fazer? Mas que ambicioso, até mesmo para ti, Stark.

— Sabes bem que não foi isso que eu quis dizer! Mas que desmancha-prazeres, Z.

Parei de andar para me rir e lhe dar um chocho.

— Desculpa, dormi mesmo mal. Tive montes de pesadelos com o Dallas e os amiguinhos nojentos a porem bocados da roupa ensanguentada do presidente da Câmara na secretária da Tanatos, no estábulo da Lenóbia, até na sala de aula do Erik. Depois de a polícia os ter prendido a todos, a Neferet voltou cá e declarou ter todo o prazer em assumir o antigo cargo, e trazer uma carrada de profes novos. No pesadelo, a Neferet era uma sanguessuga grande e preta, e os profes novos aranhas gigantes. — Até estremeci. — *Blhec*, odeio sanguessugas. E aranhas.

— Anda cá. — Stark deu palmadinhas na beira da cama.

Suspirei mas fui-me sentar. Quando ele me começou a massajar os ombros, senti parte da tensão desaparecer.

— Tu sabes sempre como fazer-me sentir melhor.

— Pois, e sempre saberei. Fica aqui sentadinha um bocadinho e deixa-me moer os nós destes ombros; tenta não repisar tudo durante alguns minutos.

— Eu não repiso. Eu preparo-me. — Queria armar-me em durona e Sumo-Sacerdotisa, mas nem por sombras a voz me saía assim quando ele me estava a fazer uma excelente massagem aos ombros.

— Repisas, pois. E não nos vai faltar que fazer hoje. Vamos ao refeitório tomar o pequeno-almoço com os amigos, e depois temos de garantir que todos os iniciados tenham quarto para dormir, especialmente os nossos iniciados vermelhos. Z, temos de ter cuidado com o sítio onde os miúdos passam as horas do dia. Concordo contigo que o Dallas anda a preparar uma merda qualquer, e não quero ver nenhum de nós mal só porque ele é um idiota armado em mauzão.

— Ele tem mesmo problemas de controlo do mau feitio — disse eu. Tentei afastar-me de Stark mas ele puxou-me para baixo outra vez e continuou a massajar-me os ombros.

— Não, fica aqui sentadinha. Temos de falar de cenas stressantes mas tu tens de aprender a relaxar. A melhor maneira de impedir que tu fiques completamente stressada é continuar a massajar-te os ombros.

— Tens de continuar a fazer isso nos próximos dias, vários.

— Por mim, na boa — disse ele, e beijou-me no pescoço, fazendo-me estremecer, mas de prazer.

— Ora ainda bem. Quase me dá vontade de que venham os próximos vários dias — disse eu.

— Ainda bem, digo eu. E já que estás recetiva, quero que me prometas uma coisa.

— O quê? — Comecei logo a ficar tensa outra vez.

— Deixa-te disso. — Ele massajou-me os ombros com mais força, fez-me derreter nas suas mãos fortes. — Sabes bem que nunca te pediria que me prometteses nada de mau. Só quero que não leves o nosso círculo ao funeral da Erin.

— Porquê? Achei que seria simpático de se fazer, talvez até desse alguma paz de espírito à Shaunee. A Shaylin já mostrou afinidade pela água, não é que ficasse um grande espaço vazio no lugar que a Erin ocupava.

— Pois isso foi o que eu pensei também, primeiro, mas deixei-me disso com as tretas pavorosas que o Dallas disse esta noite.

— Achas que ele armaria sarilho no funeral da Erin? Isso seria vil de mais, até para ele.

— Sarilho quer ele de certezinha, mas se arranjar no funeral, só ficará, e os amiguinhos, malvisto pela Tanatos, e não me parece que ele esteja pronto a desgraçar-se assim para já. Vê só em que é que eu estive a pensar: tu ouviste-o dizer que a Erin não queria nada a ver contigo ou com o teu círculo, não foi?

— Foi.

— Z, pensa nisso. Quando a Erin se juntou ao círculo, não me pareceu que fosse por estar arrependida da cabra que tinha sido. O que eu a ouvi dizer foi que não queria a Afrodite a substituí-la.

— Sim, foi isso que ela disse — tive de admitir.

— E mudou de atitude depois de eu tirar de lá o Dallas? Pediu-te desculpa, ou à Shaunee, pela maneira nojenta com que as tinha vindo a tratar?

— Não. Quando viu as aranhas, concordou comigo que eram asquerosas e que as coisas asquerosas tinham de desaparecer.

— Z, não me agrada dizer mal de quem já morreu, nem é isso que estou a fazer, mas creio *ser* importante lembrar que a Erin mudara de posição antes de morrer, mesmo sabendo que a Neferet e o Dallas tinham escolhido a Escuridão em vez da Luz.

— Sim, é verdade, mas parece-me mal guardar esse ressentimento para com ela agora. Quer dizer, a Tanatos viu Nyx recebê-la no Outro Mundo. Se a Deusa a sabe perdoar, porque é que nós não sabemos?

— Creio que há uma grande diferença entre perdoar-lhe e fazer dela o que ela não era só porque morreu. Posso estar enganado, mas não me parece sadio que o nosso grupo, especialmente a Shaunee, a veja com adoração.

— Sim, percebo o que estás a dizer, e o instinto diz-me que tens razão.

— Vês o que quero dizer de o teu círculo não dar espetáculo no funeral?

— Vejo. Pronto, vou falar com a Shaunee e garantir que a paz de espírito lhe vem de saber que a Erin está no Outro Mundo e reconciliada com Nyx. Não sei porque é que a Tanatos há de importar-se de presidir ao funeral.

— Temos de nos concentrar em passar à frente, e não em olhar para trás — disse ele.

— Bem visto. Faz-me lembrar, tenho de ir ver a Afrodite para saber se está tudo a correr bem. O presidente da Câmara era um pai desnaturado, mas era pai dela. Ela vai ficar transtornada pela morte dele.

— Z, a Afrodite já era transtornada *antes* da morte dele.

Dei-lhe uma palmada na perna.

— Ela sabe ser odiosa, mas não deixa de ser minha amiga.

— A razão permanece um mistério para mim.

— Então, a Afrodite é uma de nós, temos de nos unir e de sermos fortes para a porcaria que a Neferet estiver a engendrar.

— Eu sei. Estava só a reinar. Mais ou menos. A Afrodite é uma cabra, mas é a nossa cabra — disse ele. Tive de me rir.

— Exato.

— Pronto, já me parece mais feita em esparguete. — Stark apertou-me os ombros uma última vez e depois deu-me um beijo no pescoço. — Estou morto de fome. Vamos tomar o pequeno-almoço e depois lidamos com a maluqueira que vier por aí.

— Isto foi a primeira coisa que me fez adorar logo a Casa da Noite — disse eu toda contente a servir-me de um enorme monte de esparguete. — Pxarguete! Ao pequeno-almoço! Adoro o nosso refeitório!

— Quando dizes pxarguete, parece que tens seis anos — disse Stark, a dar-me um encontrão no ombro antes de pedir ao cozinheiro que lhe desse a *outra* opção de pequeno-almoço, os tradicionais (e uma seca) ovos mexidos com bacon.

Fui ao balcão das bebidas e enchi o copo de cola — cheinha de chumbo — *com* cafeína — e respondi-lhe:

— Seis, não, nove. Foi quando inventei a cantiga da *loucura do pxarguete*. — Pigarreei e lancei-me aos gritos: — Pxar-gue-te! Pxar-gue-te! — Até fiz a dança do pxarguete a caminho do nosso lugar. Estava mesmo a pensar que talvez o dia não se revelasse assim tão mau. Afinal, começara com uma massagem aos ombros e pxarguete! Nisto, quando o Stark se estava a sentar ao meu lado, ouvi uma voz masculina e funda a fazer eco da minha cantiga da *loucura do pxarguete*.

Não foi preciso olhar para a fila do refeitório para saber quem estava a cantar. Só tive de olhar para a cara do Stark. Antes estivera a sorrir para a minha festa de pxarguete, mas a felicidade fugiu-lhe da cara e deixou uma expressão tensa e muito séria que lhe deu um ar frustrado e *bastante* lixado.

— Que idade tinhas quando conhecestes o Heath? — perguntou Stark.

— Nove anos — disse eu. Fazia-me sentir desgraçada e imprestável, mas não consegui continuar a olhar para a cara de Stark. Os meus olhos

só queriam ver o tipo que cantava a minha cantiga enquanto enchia o prato de pxarguete.

Ocorreu-me se seria melhor que o Aurox não fosse tão giro. Ele fez uma versão palerma da dança que eu acabara de fazer e também se dirigiu ao balcão das bebidas.

Népias, decidi, a sentir na barriga o efeito borboleta que sempre sentia quando o Heath me aparecia à frente. Aurox bem podia parecer-se com um troll, era evidente que eu continuaria a sentir asinhas na barriguinha porque *ele partilhava a alma do Heath*.

— Bom-dia! — Damien entrou com Shaunee, Stevie Rae e Refaim. Acenaram-me e cumprimentaram-me todos, a mim e ao Stark, quando se puseram na fila para encher os pratos.

Parece que não repararam que eu e o Stark não retribuímos a saudação.

— Olha, Aurox, queres sentar-te connosco? — ouvi o Damien a convidá-lo, todo contente.

— Claro, na boa — disse Aurox.

— Espetáculo, a Z e o Stark já estão sentados. Naquela mesa ali. — Damien apontou para nós, e foi quando a expressão contentinha dele desapareceu. Todo o semblante dele dizia *ai, ai*. — Hum, quer dizer, se houver espaço e a Z e o Stark não se importarem, e, hum... — Damien calou-se, constringido, a cara muito corada.

— Merda! — disse Stark baixinho para mais ninguém ouvir além de mim. Depois endireitou-se no assento e chamou: — Pois, na boa. Temos espaço para o Aurox.

Quando Aurox se sentou mesmo à minha frente, entretive-me a enfiar pxarguete como se não houvesse amanhã.

— Então, onde é que aprendeste essa cantiga?

Fiquei chocadíssima quando o Stark fez esta pergunta ao Aurox.

— Qual cantiga? — retrucou Aurox com a boca cheia de massa.

— Deixa lá — resmungou Stark.

O silêncio longo e confrangedor só terminou quando Damien e o resto do grupo se sentaram connosco.

— Minha gente, já viram a Afrodite hoje? — perguntou Stevie Rae.

Levantei a cabeça e vi que toda a gente abanava a sua.

— Ou o Dário? — acrescentou.

Mais cabeças a abanar.

— Poças — disse eu. — Tenho de ir saber dela. Não é nada típico dela armar-se em eremita no quarto.

— Pois não — concordou Stevie Rae. — Ela chama ao

pequeno-almoço o princípio do desfile de moda diário. Sabes que ela até me chegou a dizer que sabia prever quais as raparigas que ficariam como as mães delas, gordas e balofas, pela quantidade de maquilhagem que usavam ao pequeno-almoço?

— A miúda é completamente doida — comentou Shaunee.

— Usar montes de maquilhagem ao pequeno-almoço é bom ou mau? — perguntou Damien.

— Não faço ideia — respondeu Stevie Rae. — Eu tento deixar de ouvir a Afrodite quando ela fala de mais. Faz-me doer os ouvidos.

— A previsão sobre as raparigas faz parte dos dons de profetisa? — perguntou Aurox.

Não pude deixar de me rir, junto com toda a gente. Bem, toda a gente, menos o Stark. Em vez de se rir, estava a esfaquear os ovos mexidos como se os tentasse matar.

— Não — respondeu Stevie Rae a Aurox. — Faz parte dos dons de odiosa, e temos a certezinha que não foi Nyx quem lhos concedeu.

— Oh, desculpem — disse Aurox com ar encabulado. — Deve ter sido uma pergunta tola.

— Não te rales com isso, vizinho — atalhou Damien, a sorrir bondosamente para ele. — A Afrodite deixa-nos a todos com a cabeça à roda.

— Vizinho? — dei comigo a perguntar. — Vocês estão no mesmo quarto do dormitório?

— Sim — respondeu Aurox, a fitar-me pela primeira vez. — O Damien ofereceu e eu não queria estar sozinho, nem queria dividir o quarto com um estranho. Os outros... bem... Costumo vê-los a olharem para mim de uma maneira esquisita.

— Deve ser porque te sabes transformar num touro. — A voz de Stark estava desprovida de emoção.

— Deves ter razão — disse Aurox. Deixou de olhar para mim e voltou à comida.

— Pois, isso traz um assunto de que eu e o Stark estávamos a falar há pouco — comecei eu.

— Pois, estávamos a falar depois de acordarmos. Juntos. Na mesma cama. Não é, *vizinho*? — Stark sublinhou bem a palavra.

Os meus amigos lançaram olhares preocupados a Aurox e a Stark. Eu franzi o sobrolho.

— Stark, toda a gente sabe que eu e tu dormimos juntos.

— Só queria ter a certeza — disse Stark, e atacou os ovos outra vez.

— Seja como for — continuei, já a sentir a cara a arder. — Eu e o Stark estávamos a dizer que é importante garantir que os nossos iniciados

e vampyros vermelhos — consegui sorrir para Stevie Rae — tenham um sítio seguríssimo para dormir até podermos voltar aos nossos túneis.

— Eu e o Refaim falámos nisso quando ele voltou para o quarto da Shaunee e meu, quando o Sol se pôs — disse Stevie Rae. — Minha gente, estou a pensar no mesmo que vocês: missão exploratória na escola para saber se há sítio menos acima da terra para os miúdos.

— E para ti também, não é? — perguntei. Stevie Rae olhou para Refaim antes de responder.

— Bem, não. Eu vou continuar no quarto da Shaunee.

— Mesmo que eu a tenha tentado dissuadir — disse Refaim.

— Ora, sabem que eu fico bem sozinha, não sabem? — perguntou Shaunee rapidamente. — Esta noite custou-me, mas hoje já estou melhor. Hei de ter saudades dela, mas sei que a minha Gémea está num lugar maravilhoso. Ela até disse isso antes de falecer, que tinha os sentimentos finalmente descongelados. É esquisito, mas até estou contente por ela. — Shaunee pestanejou para suster as lágrimas, mas também sorriu.

— Eu sei mas, se não encontrarmos um sítio tipo cave aqui, que tenha saída e entrada fácil para, enfim, um pássaro, vais ter de me aturar até voltarmos para os túneis — disse Stevie Rae.

— Lembro-me de o Dragão dizer algo sobre um armazém para os escudos e espadas antigas na cave da escola — atalhou Damien. — Só pode haver algo lá em baixo que seja estanque o suficiente para guardar as preciosas armas do Dragão. Vocês sabem que ele nunca deixaria essas coisas onde enferrujassem e se estragassem.

— Ora aí estão boas notícias. Vou sentir-me melhor com os iniciados e vampes vermelhos debaixo da terra durante o dia. Parece-me que ficam tão expostos se não for assim — disse eu. Custou-me bastante recordar os encontros imediatos que Stevie Rae tivera com a luz do Sol, e saber que basta um bocadinho para ela, o Stark e o resto dos miúdos ficarem todos esturricados. Havia novos poderes nesse tipo de vampyro novo, mas também havia uma lista bastante intimidante de cenas novas que os podiam matar.

— Compreendo o que dizes, Z, mas há outra maneira de ver a questão do alojamento dos iniciados vermelhos — continuou Damien. — Eu sei que descansam melhor se estiverem debaixo da terra, e ficam a salvo do Sol, uma cave seria apropriada, mas assim também ficariam todos num sítio que o mais certo é ter só uma entrada e saída. Poderá não ser nada bom.

Stark ergueu o sobrolho.

— Caraças, Damien, tens razão. No depósito não podemos ficar encurralados porque há muitas entradas e saídas para os túneis. Z, se os miúdos vão passar o tempo do nascer ao pôr do Sol numa cave, acho que eu, tu e a Stevie Rae temos de dormir longe do grupo.

— Parece-me haver mais de uma maneira de ficar exposto. Vocês têm razão. Não podemos ficar todos num sítio onde nos possam encurralar, e estou a pensar que vocês os dois especialmente — apontei com a cabeça para Stevie Rae e Stark — têm de ficar separados do grupo de iniciados principal. Se acontecer alguma coisa, vamos precisar do poder de vampyros vermelhos passados pela Mudança para ajudar os nossos iniciados. — Suspirei. — Mas também não me agrada a ideia de tantos iniciados desprotegidos no sítio onde dormirem. Será que conseguimos convencer o Dário e a Afrodite a mudarem-se para lá com eles?

Shaunee fungou.

— A Afrodite numa cave? Só se lá meteres um designer de interiores para embonecar aquilo.

— Eu sei que tu és a Sumo-Sacerdotisa dela e tudo, mas ela vai bufar como uma gata assanhada se a tentares levar lá para baixo — disse Stevie Rae.

Por mais que me chateasse pensar em Afrodite a ter um ataque, eu sabia que Stevie Rae tinha razão. Estava a tentar decidir se valeria a pena discutir quando Aurox falou.

— Eu fico com os iniciados — propôs ele. Eu pestanejei, admirada.

— Mas acabaste de dizer que querias ficar com o Damien porque os outros miúdos olham para ti de maneira esquisita.

— Não quer dizer que os deseje ver sem proteção. Eu raramente durmo, posso facilmente tomar conta deles. E gosto de poder ajudar-te. — Aqui ele hesitou, e depois acrescentou: — A tua avó ajudou-me. É apenas justo que eu também te possa ajudar a ti.

Os olhos dele, da cor das pedras da lua, prenderam os meus até a voz de Stark interromper.

— Parece-me bem. E tens razão. Tens mesmo de nos ajudar.

— E se for assim: eu vou contigo, continuamos a ser vizinhos — propôs Damien a Aurox. — Parece que tenho jeito para acalmar situações complicadas.

— Tem, deveras — atalhou Refaim. — O Damien ajudou os miúdos a aceitarem-me. Aposto que pode fazer o mesmo por ti.

— Que coisa mais simpática de se dizer! — O sorriso de Damien vinha de dentro, radiante, e eu achei tão bom vê-lo feliz.

— Então está decidido — resumiu Stark. — Pronto, Z, já estás quase a acabar de comer? Disseste que querias saber da Afrodite, e eu tenho de falar com o Dário, ele deve saber onde fica o armazém do Dragão. Podemos matar dois coelhos e tudo.

Lancei um olhar desejoso ao resto do meu pxarguete, mas já não me parecia assim tão apetitoso — com Stark a fazer má cara para Aurox, Aurox a lançar-me olhadelas, toda a gente a mirar-nos aos três. Engoli a cola e afivelei o melhor sorriso forçado.

— Estou pronta! Vamos lá!

— Nós vamos reunir os iniciados vermelhos — disse Stevie Rae. — Dado que o Dragão o usava para guardar armas, deve ficar perto da casa de campo. E se nos encontrássemos lá daqui a uma hora e picos?

— Parece-me bem — disse eu. Stark pôs o braço possessivamente à minha volta e levou-me da nossa mesa para fora. Quando chegámos à porta do refeitório, parou e, à vista de toda a gente, puxou-me para si e beijou-me. Quer dizer, beijou-me mesmo — com língua e tudo.

Pronto, eu gosto bastante de beijar o Stark, mas não gosto de dar nas vistas em público. Quer dizer, gosto de andar de mão dada com o Stark em público. Até costumo gostar quando ele me põe o braço pelos ombros ou pela cintura (coisa que costuma fazer de uma maneira agradável e não como se me fosse estrafegar), mas não nos pomos nos *meles* em público. Jamais. Por conseguinte, senti a cara a arder de vergonha quando ele finalmente descolou a boca da minha, pôs o braço à minha volta e praticamente me arrastou para fora do refeitório — enquanto *olhava* por cima do ombro para a mesa e, claro, para Aurox.

Só me apetecia dar-lhe estaladas.

Não o fiz e, assim que chegámos à rua, soltei-me e dei-lhe a mão. Assim, normal.

Ele não disse nada. Fez somente o seu típico sorriso fofo e malandro.

Abafei um guincho de irritação e não liguei à raiva que ameaçava transbordar de dentro de mim. Se lhe dissesse o quanto ele estava a ser chato e estúpido, o mais certo era começarmos a discutir, e tínhamos assuntos mais importantes a tratar do que Stark a armar-se em parvo ciumento.

Mais, eu não estava interessada em Aurox. O Stark havia de perceber isso bem depressa e parar de ser possessivo. Oxalá!

Mas estás interessada no Heath, sussurrou uma vozinha terrível dentro de mim. *E a alma do Heath está partilhada com o Aurox.*

Recordei à voz sussurrante que o Stark era o meu Guerreiro, o meu Guardião, o meu amor e o meu amigo.

E o que é o Heath?

Morreu!, disse eu de mim para comigo com toda a severidade. Porém, mesmo no esforço de fechar o coração e a mente, o eco da nossa cantiga do pxarguete vibrou dentro de mim.